

Num. 19
8-5-52

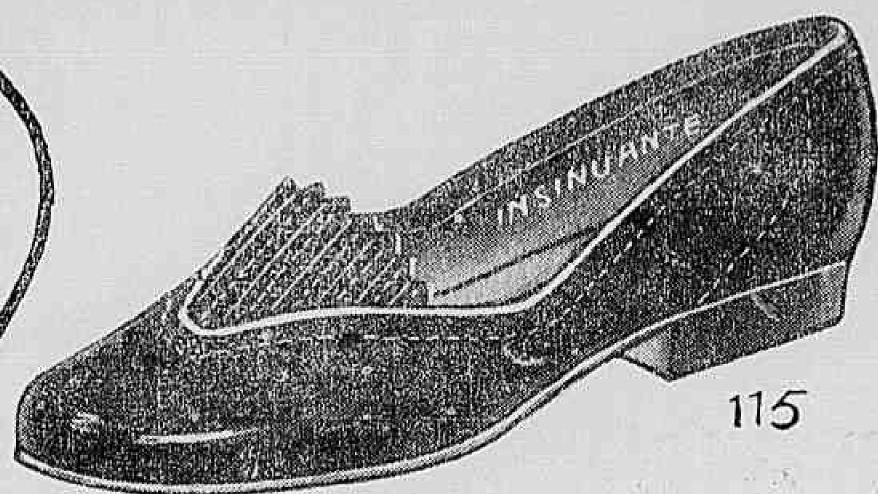
a cena muda

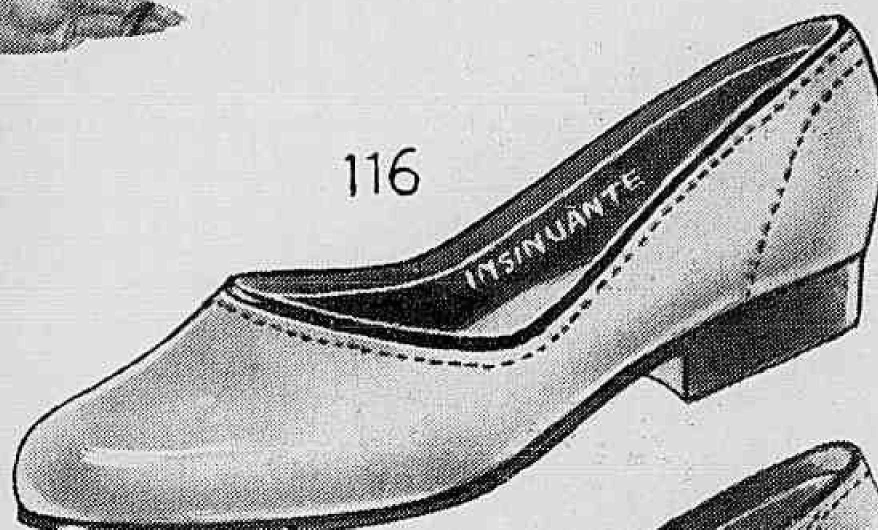
CR$ 3,00
EM TODO
O BRASIL

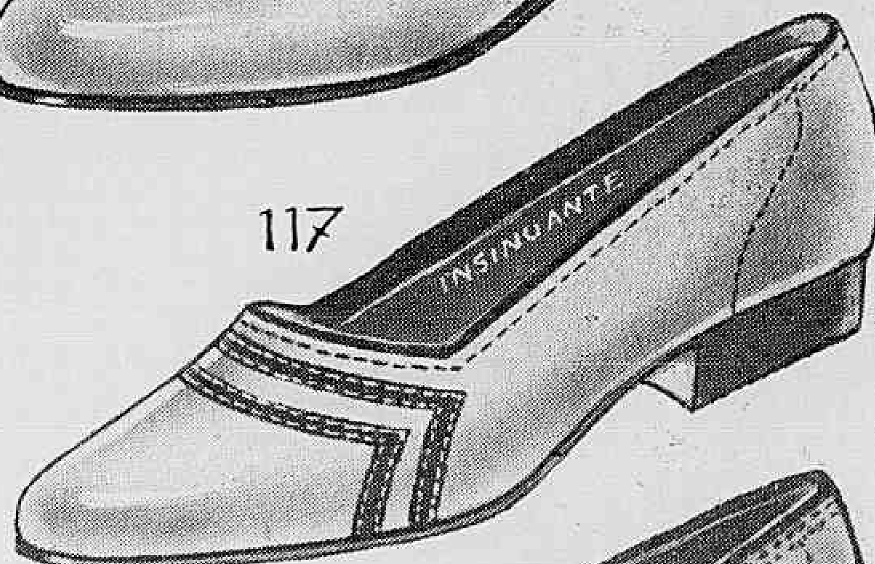


CREAÇÕES DE *Mister* JAMES PARA A SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE!

INSINUANTE
A Sapataria mais querida da Cidade.









CR$ 150,00

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS
NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO

Em diversas côres e combinações numeração de 32 a 38

AT. SEMOG

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

CARIOCA, 46-48 – SETE SETEMBRO, 199-201

a cena muda

VOCÊ não acredita, certamente, que o filme que acabou de ver no sábado passado, no seu Cinema de bairro, vá viver eternamente, depois que a palavra "Fim" se apague na tela. Não. Os filmes desaparecem. Nisto são parecidos com os homens... Ainda se houvesse apenas uma morte natural... mas não. São mutilados, destruídos. Existem leis de proteção dos animais, dos monumentos históricos e dos quadros célebres, mas ainda não há um meio legal para salvar as obras-primas do Cinema. São picados aos pedacinhos e vendidos a quilos para fazer cabos de escôvas de dente e para servir às mais diversas indústrias, quando não são devolvidos às fontes de origem para fazer algodão-pólvora. Valem apenas para dar uma hora e meia de prazer, semanalmente. Depois valem menos do que um brinquedo quebrado.

René Carl lembra que os livros são conservados nas Bibliotecas. Henry Langlois, secretário geral da Cinemateca, acha que é uma vergonha esta situação. Carlos Rimi, presidente da Sociedade dos Autores, afirma: E' preciso enquadrar o filme às demais obras intelectuais. Em geral, a cópia de um filme só resiste a quatrocentas projeções, embora outras há, que afirmam verdadeiramente só devem ser exibidas umas cem vêzes. Mas depois de quatrocentas exibições ou menos, estão inutilizadas. Ficam tão riscadas que parece que está chovendo na tela. Os fãs do interior sabem muito bem como é... E êste é um cálculo muito otimista porque com certos aparelhos de projeção chamados "jacarés" não aguentam tanto tempo. William Melniker quando defendia, perante uma comissão do nosso govêrno, a importação de mais cópias para os filmes da Metro-Goldwyn afirmou que verdadeiramente um filme só deveria passar no aparelho cem vêzes apenas...

Apresentamos a seguinte hipótese: Um exibidor desejoso de satisfazer o pedido de seus clientes, resolve exibir um filme de quinze anos, bastaria dirigir-se ao distribuidor: Alugue-me "Tereze Raquin", de Jacques Feyder, ou "La Nuit Fantastique", de Marcel L'Herbier.

Meu caro senhor, responderá ao exibidor o agente, ponha luto pela "Téreze", porque esta não existe mais. Quanto a outra tenho ainda uma cópia, venha ver. Bem, a cópia está ligeiramente bastante mutilada... naturalmente...

Um dia Marcel L'Herbier percebeu que faltavam quatrocentos metros em um de seus filmes, exibido num bairro de Paris. O músico George Auric conta que não reconheceu o filme "Visitantes da Noite" num dêsses Cinemas. Por quê? L'Herbier explica: Primeiro, o distribuidor exige alguns cortes. Depois o exibidor corta mais um pouco, sem contar com os acidentes de projeção. Não se pode correr quarenta salas de projeção PARA FISCALIZAR SE APRESENTAM RIGOROSAMENTE A SUA OBRA E AINDA QUE PUDESSE FAZÊ-LO SERIA DIFÍCIL IMPOR O SEU PONTO DE VISTA; REALMENTE QUAL E' O SEU FILME? NÃO EXISTE MAIS. NÃO EXISTE UM TIPO PADRÃO depositado em algum lugar que seria o único do qual o autor aceitaria a paternidade. Vamos imaginar a falta de três capítulos num livro recém-editado. O autor recorreria a Biblioteca e confrontando a edição falha, com a primeira, arquivada, processaria o editor. Não temos Biblioteca Nacional para Cinema, por isso não nos resta nenhum recurso. O filme "Education de Prince", que foi completamente mutilado apenas porque nêle figuravam dois astros da raça judaica, hoje seria difícil dar-lhe forma primitiva. A Sociedade dos Autores de Filmes lembra que desde a origem da Cinematografia os filmes são mutilados ou destruídos. A exceção se deve à iniciativa particular. A Sociedade lembra que já é tempo de assegurar ao Cinema, que pertence ao Patrimônio cultural, uma conservação legal com a criação de arquivos. Lembra ainda que a lei de 21 de Junho de 1943 modificando o regime do depósito legal, decreta: Artigo primeiro — Os impressos de qualquer natureza, livros, jornais, brochuras, estampas, gravuras, cartões postais, ilustrações, cartazes, cartas Geográficas, etc., composições musicais fotográficas, cinematográficas e fonográficas postas pùblicamente à venda, distribuição, colocação ou cedidas para reprodução estão sujeitas a formalidade de depósito legal... Artigo sexto — Os produtores de discos fonográficos e de filmes cinematográficos são obrigados a depositar um exemplar no Serviço do depósito legal na Biblioteca Nacional. Lembra esta lei que asssimilando o Cinema as outras modalidades da expressão intelectual, nunca foi aplicada nem revogada.

Marcel L'Herbier pergunta como fazer uma escolha entre a enorme produção de filmes. Devemos guardar tôda a produção? Isso seria muito caro e inútil. Está aberto o debate. O volume da produção anual na França vai a cêrca de mil rolos. A questão é importante. Os filmes não se conservam como os livros. Conta-se que Pathé em 1914 mandou enterrar os seus estoques de 1895 a 1905 para salvá-los dos bombardeios, mas quando foram desenterrar êste tesouro, estava todo podre, próprio para o lixo. As películas são de matéria perigosa (mesmo as novas não inflamáveis?) de fácil combustão, necessitando para serem arquivadas de recepientes especiais com temperatura determinada, dezoito a vinte graus e de humidade setenta. Mesmo assim envelhecem e no fim de dez anos perdem uma regular percentagem. Nessas condições, compreende-se que a questão do depósito legal traga grandes dificuldades.

Em geral as cópias são destruidas, mas os negativos escapam.

No Cinema, o negativo é o manuscrito.

Nada se perdia se fôsse conservado, o que importa dizer que um depósito embrionário já existe.

Acredita que o problema do depósito legal estaria assegurado com a proteção dos negativos?

Para os filmes europeus, é uma questão de paciência. Se um negativo se perde, pela cópia se pode reconstrui-lo. Esta é uma questão complexa porque cada país e cada estúdio tem um sistema de conservação.

Dou um exemplo: — durante a última guerra todos os negativos dos grandes filmes silenciosos alemães foram destruidos e seis anos depois, encontramos tôdas as cópias dêsses filmes, com exceção de cinco ou seis. Para o filme americano a questão é mais grave. A partir de 1924 os filmes são produzidos por grandes sociedades, e distribuídos por agências que aplicam estritamente a lei americana que determina a destruição das cópias. Por quê?... Para impedir os exploradores adventícios de comprarem velhas cópias de domínio público para exibi-las com outros títulos, por preços baratos. A destruição é feita diante dos fiscais: Todo o estoque é lançado à água na baía do Hudson, ou queimado. Desaparecendo o negativo, nada mais resta. As Cinematecas americanas, com efeito não procuram salvar o conjunto da produção Nacional. Selecionam, compram, apenas, as cópias de alguns filmes. Também os filmes realizados por duetos: franceses, produziãos e distribuídos nos Estados Unidos, correm um grande perigo: eis porque "Thereze Raquin" desapareceu. Os filmes da Ince, que não alcançaram a reputação que nós lhe demos aqui na França, não existem mais. Chaplin conserva os seus porque êle é o seu próprio produtor. Que se conseguiu salvar da produção francesa até hoje? A CINEMATHIQUE espera poder salvar tudo. O principal até aqui, são os estoques de duas grandes sociedades GAUMONT e PATHE. Em 1935 pude salvar o estoque Eclair (2.000 filmes) graças a gentileza de um cavalheiro que o havia comprado e nos fêz depositário. Os arquivos ão serviço cinematográfico do exército concernentes a guerra de 1914 foram depositados num Ministério. Alguém os pôs fora, sem se preocupar se êsses documencumentos de um valor histórico excepcional, eram os únicos existentes. Em 1943 um Americano, que possuía tôda a obra de Mélies, jogou-a fora... Lídia Borelli, a mulher fatal do velho Cinema italiano, comprou todos os seus filmes e os fêz desaparecer... quando se casou com um nobre romano... Certo diretor destruiu tôdas as suas obras sob protesto de que já estavam velhas...

Marcel L'Herbier, pede o equivalente das subvenções da Ópera ou da Comédie Française... para o Cinema. E já que o depósito legal existe, é preciso acabar com o desperdício do nosso passado cinematográfico.

O passado e a integridade do filme. Num desenho de vestido, quando registrado, não se lhe pode alterar nem a colaboração de menos um botão... mas o filme de arte é mutilado...

E X P E D I E N T E

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor-presidente: Gratuliano Brito — Redator-chefe: Adhemar Gonzaga

Correspondente em Hollywood: — GILBERTO SOUTO

Redator-chefe de publicidade: — *Severino Lopes Guimarães*

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. — Telefones: — Secretaria: 22-4447; Administração e Publicidade: 22-2550; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual: Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,00. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil.

Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa, África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marquês. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746. Montevidéu. Suc. na Argentina: *Inter-Prensa*, Flórida, 229, B. A.

IMPORTANTE: — O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

A Metro continua fazendo planos para Stewart Granger, o astro inglês tão querido dos brasileiros. Êle terminou «Scaramouche» e já está fazendo «O Prisioneiro de Zenda». A seguir, fará os seguintes filmes: «Young Bess», com a própria espôsa, Jean Simmons e Charles Laughton; «All Brothers Were Valiant», com Robert Taylor; «Robinson Crusoe» e «O Belo Brummell».

Curioso que de todos êstes trabalhos, cinco são refilmagens de êxitos do cinema silencioso ou falado. Vejamos: «Scaramouche» foi feito, em 1923, com Ramon Novarro. «O Prisioneiro de Zenda» já teve três filmagens; em 1915 foi produzido por Paul H. Cromelin, em 1922, pela Metro, com Lewis Stone, Alice Terry, Barbara Lamarr e Ramon Novarro. Aliás, êste trabalho lançou a carreira de Ramon. No falado, foi realizado por David O. Selznick com Douglas Fairbanks Junior no papel principal. «All Brothers Were Valiant» foi feito em 1923 pela Metro, sob a direção de Irwin Villat, com Malcolm McGregor no papel central e em 1928, pelo mesmo estúdio, sob o título «Across to Singapore», direção de William Nigh.

«Robinson Crusoe», êste então nem se fala! Em 1916, pela companhia de Henry W. Savage; em 1917, em três partes, pela Universal; em 1927, pela Gaumont. Recentemente, a mesma história de Daniel Defoe foi feita na ilha de Martinica, por uma companhia francesa com Georges Marshall no papel principal.

«O Belo Brummell» foi-nos dado em 1924 pela Warner Bros. com John Barrymore no inesquecível papel do elegante galã.

Apesar de refilmagens, o público não deixará de assistir a êstes filmes por causa da personalidade vibrante de Stewart Granger.

★

O ex-marido de Ingrid Bergman foi aos tribunais disputar a ação judicial que lhe moveu a famosa estrêla, querendo impedir que êle se mude para a cidade de Pittsburgh, levando para lá a filha do casal. Ao mesmo tempo, o Dr. Lindstrom pediu aos tribunais que não consintam que a menina vá à Itália, êste verão, visitar a mãe. Por ocasião do divórcio — que se tornou em **cause celübre** — por causa da circunstâncias dramáticas que levaram Ingrid a se apaixonar pelo diretor Robert Rosselini, o juiz concedeu a custódia da menina a ambos, dando direito a que Ingrid recebesse a visita da filha, uma vez por ano, durante as férias do verão. No ano passado, o Dr. Lindstrom levou a filha a Londres, estando presente ao encontro. Recusou-se terminantemente a levá-la a Roma, onde Ingrid está residindo. Desta vez, In-

(Cont. na pág. 32)



Cornel Wilde e Maureen O'Hara em «Os Filhos dos Mosqueteiros», da R.K.O.



Jean Simmons e Trevor Howard em «The Clouded Yellow», filme inglês de Rank



William Lundigan e Jane Greer em «Down Among the Sheltering Palms», da T.C.-Fox



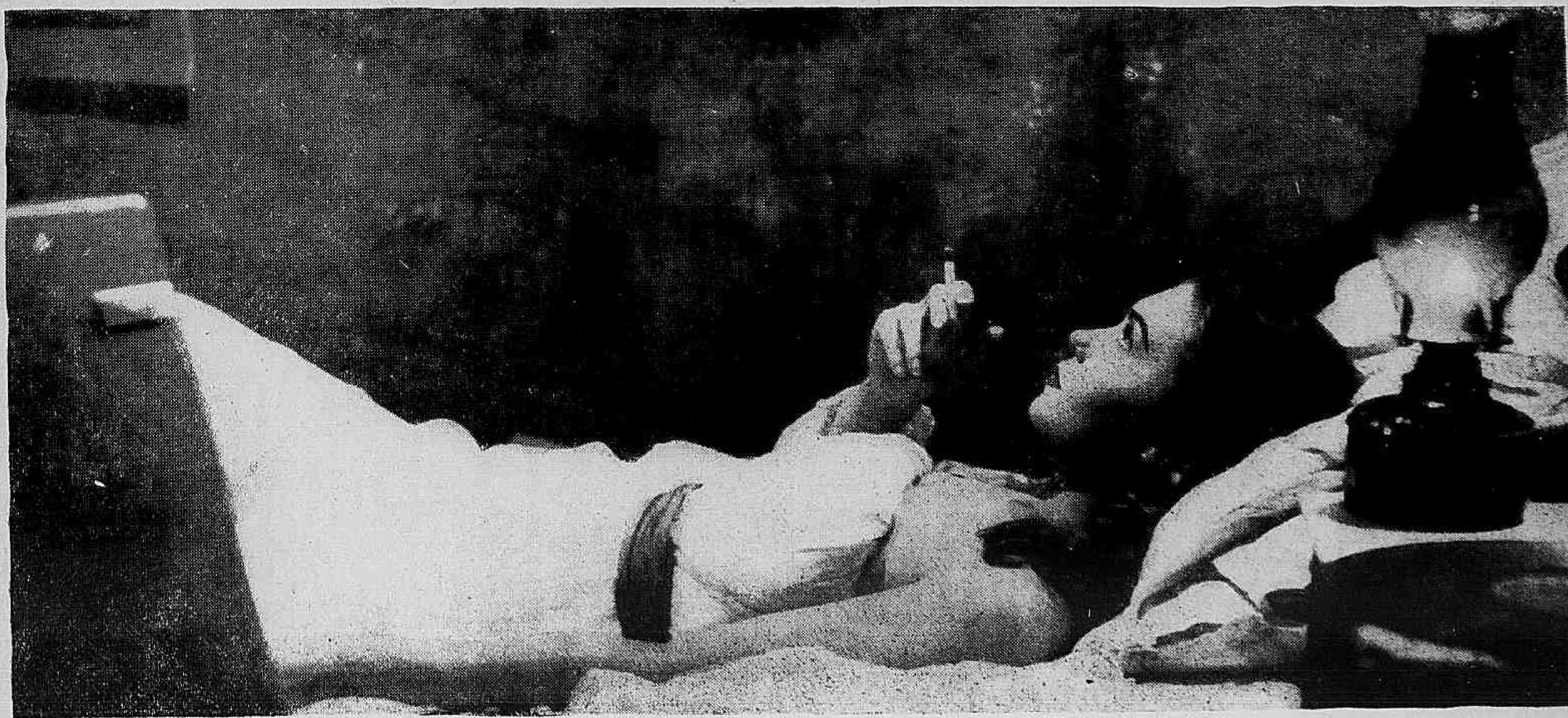
David Wayne e Joan Peters em «Wait Till the Sun Shines, Nellie», da TC-Fox

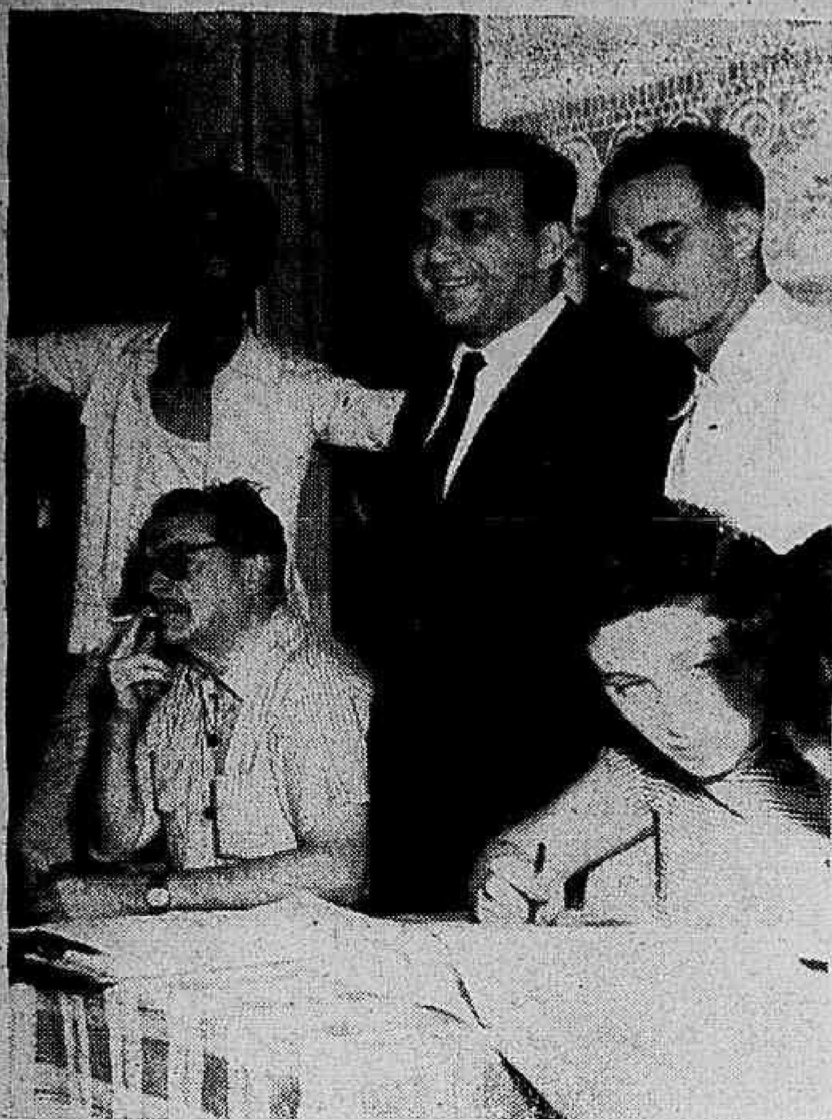




Maria Della Costa

em algumas cenas do filme brasileiro "A R E I Ã O", da "INCA-FILME", sob a direção de Camilo Mastrocinque

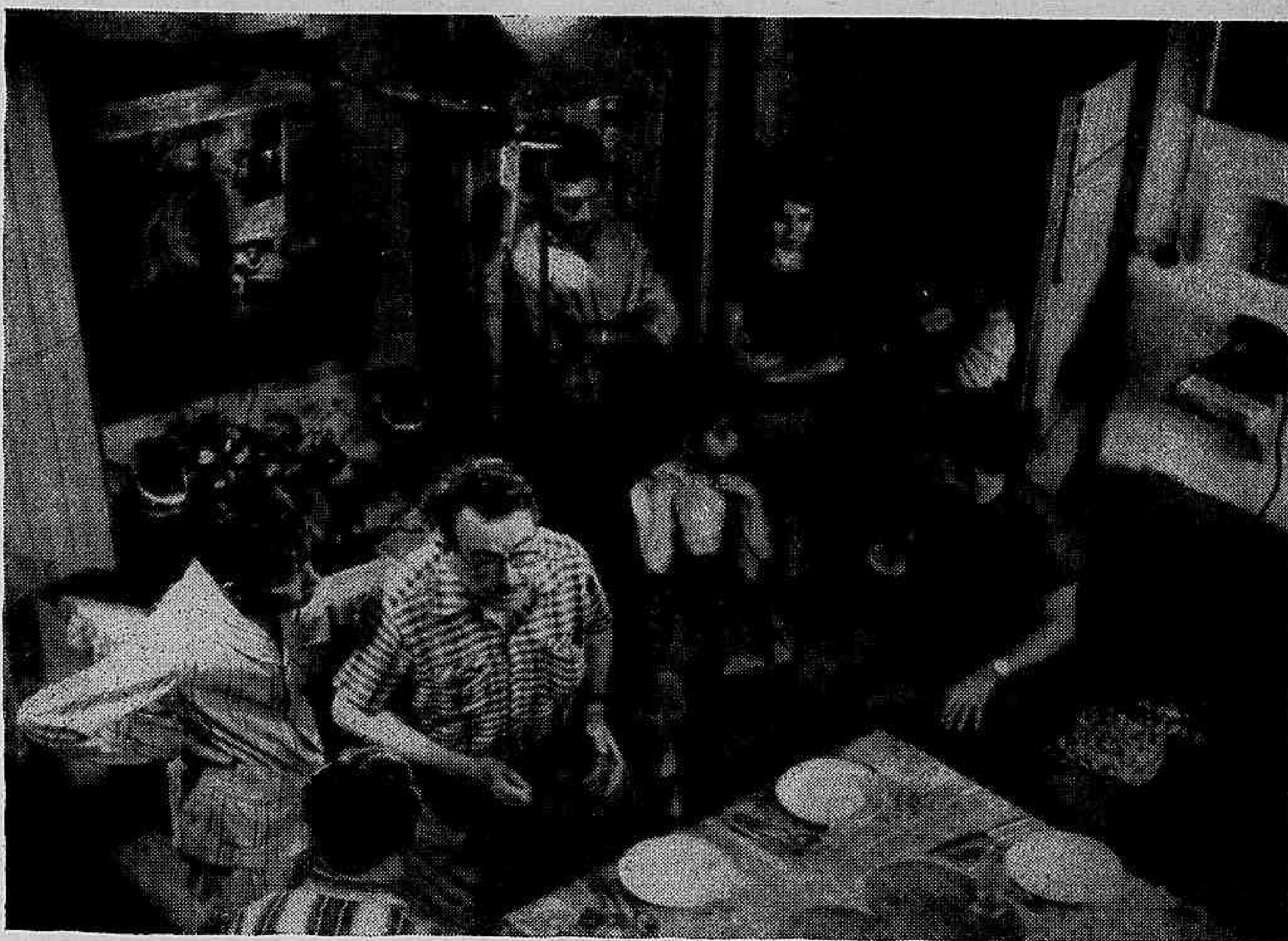




Cavalcanti, Alfredo Palácios, Rosa, a assistente e Alberto Namurd. Êstes aspectos foram feitos exclusivamente pelo nosso fotógrafo



filmando "SIMÃO O CAOLHO" da maristela



Aspectos dos trab alhos de filmagem





Simão faz anos... quer dizer, Mesquitinha. E foi organizada uma festinha no estúdio...





Cenas do filme brasileiro, já terminado, «Era uma vez um vagabundo», com Ronaldo Lupo, Nely Rodrigues, Edmundo Lopes, Vicente Marchelli, Vina de Sousa, Válter Siqueira, Rui Rei e sua orquestra, Três Marias, Raul Dubois e Ballet Pigalle, Direção de Luís de Barros, Vítor Marques de Oliveira, produtor associado, realizado nos estúdios da Brasil Vita Filmes





Uma das suas mais recentes fotografias

MONA MARIS

ELA chegou, silenciosamente, como turista... Vinha descansar. Com o Carnaval, é lógico que não foi possível. Nem depois...

Ela queria conhecer os brasileiros de perto. Estudá-los sem ser notada, sem que soubessem quem era. Todos se preparam e poôm roupa nova, quando há visitas. E ela queria sentir a alma dos brasileiros...

Mas não foi possível. Aos poucos foram descobrindo sua identidade. A fama no cinema é um caso sério. Nem o tempo apaga o fulgor de uma "estrêla" de Hollywood. Ela tentou mesmo fugir à primeira reportagem, apresentando-se com seu nome verdadeiro — Capvielie.

Mas diante da fotografia, daquele tipo inconfundível que foi a "mulher fatal" de tantos e tantos filmes, os fãs reconheceram logo Mona Maris!

E o Rio tomou conta de Mona Maris. Tanto, que ela veio para passar uma quinzena e já está há quase 3 meses entre nós. Bastante carioca. Bem queimada pelo sol. Apaixonada por Copacabana.

O Rio tem uma influência singular sôbre Mona Maris. Ela diz: "é a minha má influência". Porque o Rio determina logo a sua volta ao cinema.

Quando por aqui passou, há alguns anos, numa grande viagem de recreio ao seu país natal, a Argentina — estava afastada do cinema. Mona Maris era um nome querido dos fãs, tinha feito belíssima carreira nos filmes europeus e americanos. A sua popularidade era enorme, principalmente, devido aos "hablados" em hespanhol. Quem não se recorda de sua interessantíssima série de filmes com José Mojica: "Loucuras de um Beijo", "Domados de Mulheres", "Melodia Proíbida", etc.? Mesmo com o nosso Roulien, ela vampirou em "Não deixes a porta aberta", outro "hablado" feito em Hollywood. O seu melhor trabalho, nesse primeiro período de sua carreira foi em "O Amor Obriga", ao lado do famoso Carlos Gardel. A morte dêsse grande cantor, motivou o afastamento de Mona Maris, que devia fazer uma longa série de filmes ao seu lado.

Pois passando então pelo Rio, foi descoberta pelos jornalistas e pelos fãs, festejada, aclamada. Por que continuava Mona Maris tanto tempo longe do cinema? E Mona sentiu vontade de voltar.

E voltou. Com mais brilhantismo do que antes. Mas sempre nos papéis que eram sua marca registrada e que confessa detestar — a mulher fatal... "Fugindo ao Destino", com Thomas Mitchell, marcou sua reaparição. E filmou muito: "Se a lua contasse", ao lado de Constance Bennett. "Minha namorada favorita" com Rita Hayworth e Victor Mature. "Casei-me com um anjo', vampirando Nelson Eddy. "Correspondente em Berlin', com Dana Andrews. "Encontro no Pacífico". "Ao Bater do Coração" com Ginger Rogers e Jean Pierre Aumont. E outros mais.

Mona Maris fica surprêsa e — por que não confessar — feliz ao ver que a reconhecem e que os seus filmes são lembrados. Os brasileiros são adoráveis nas suas manifestações de simpatia. Mas Mona fica as vêzes embaraçada, pelo fato muito simples de que acha não ter ainda feito o filme que desejava. Há uma grande insatisfação artística no seu trabalho. Por isto, desde que filmou pela última vez, há uns 3 anos, nada mais fêz. E pelo motivo de não ter filmado nestes últimos tempos, acha que nada tem de interessante para contar aos jornalistas e foge às reportagens!

Mas o Rio... é certamente uma influência perigosa. O Rio despertou novamente em Mona Maris o amor pelo cinema! Ela não pode mais esconder o seu grande desejo. Voltará ao cinema sim e muito breve. Mas não em Holly-

está no Rio

De JACK Q.



Ao lado de Carlos Gardel, no final do filme «O amor Obriga» (Cuesta Abajo), um dos seus melhos filmes

wood. Se os seus planos se realizarem, terá também realizado o seu sonho — um papel humano e verdadeiro, como sempre aspirou, num filme argentino — brasileiro, filmado em nosso país.

Eis aqui uma notícia interessantíssima, tanto para os que admiram Mona Maris, quanto para os do nosso cinema. Porque um elemento como ela só pode ser de utilidade para nós. Por tudo o que viu e, principalmente por tudo o que aprendeu em Hollywood. Inteligente e observadora, Mona Maris conversará horas, sôbre os segredos, o poder e a técnica do cinema americano.

E ao vê-la pessoalmente, sempre tão bela e elegante, o nariz salpicado de sardas, os olhos esverdeados — a pergunta que todos fazem é a seguinte: porque não volta Mona Maris aos filmes? São tantas as artistas do seu tempo que ainda filmam, com sucesso, como Ginger Rogers, Dolores del Rio, Marlene, Claudette Colbert, Lana Turner, Barbara Stanwyck... Loretta Young começou antes de Mona estrear em Hollywood. E Danielle Darrieux com seus 21 anos de cinema, não teve agora 2 grandes papéis em 2 importantes filmes americanos?

Mona Maris precisa voltar. O seu imenso sucesso no Rio, como artista e como mulher, provam que há um lugar muito seu no cinema, que não deve abandonar. Mesmo que seja no papel que detesta, mas que ninguém faz como ela nos filmes — a "mulher fatal!"



No hipódromo da Gávea, no último domingo. Depois, Mona Maris foi a S. Paulo

DE HOLLYWOOD...





À esquerda: A brilhante estrêla alemã, Hildegarde Neff e Tyrone Power em «Diplomatic Courier», da T.C.-Fox. A direita: Lamar, Lana, «Viúva Alegre»





À esquerda: Feliz aniversário para a irlandesinha Constance Smith. O diretor Delmar Daves e Finlay Currie dão os seus parabéns. Num intervalo de «Condor's Nest», da T.C.-Fox. À direita: Mitzi Gaynor em «The I Dont Care Girl»





À esquerda: Jerry Lewis... precisa ser mais conhecido... e Mona Freeman em «Jumping Jacks», da Paramount A direita: Bob Hope, Jane Russell e Roy Rogers...

ALEGRE, jovial, de naríz arrebitado, trepidante, sempre em movimento, atitudes de uma graça e precisão incomparáveis, assim é Mitzi Gaynor. Não tem mais que 19 anos, mas em Hollywood já se afirma que ela canta como Kathryn Grayson, dança como Vera Ellen e representa como Helen Hayes, que é uma das maiores atrizes do teatro americano. E' a herdeira direta dos papéis de Betty Grable que, "suspensa" da T.C.-Fox, abriu-lhe as portas do sucesso. Mitzi é um verdadeiro fenômeno. E' um "cocktail" vivo, cinematográfico, talvez por uma questão de hereditariedade. Sua família era composta de músicos, cantores e bailarinos. Seu pai era compositor e regente de orquestra. Sua mãe era cantora e sua tia bailarina. Vê-se, portanto, que o futuro da moça estava determinado. Sua avó materna era condêssa e seu avô um imponente general prussiano, amigo pessoal do velho imperador Francisco José. Mas aconteceu que um dia, em Viena, a filha do general e da condêssa, encontrou um belo maestro regente de orquestra. Ela cantora e êle Maestro, resolveram compor uma canção de amor que terminou em Chicago com o nascimento de Mitzi, pois que depois de casados em Viena tinham embarcado para a América, vindo fixar residência naquela cidade. De seus avós, ela não conserva mais que o nome... na gaveta, "Francisca Mitzi Marlene de Chanzya von Gerber", pois seu pai também é de descendência nobre. Compreende-se que, para trabalhar no Cinema, teria de simplificar o nome. Antes de ser Mitzi Gaynor, foi Mitzi Gerzer, quando aparecia em cena, na figura de uma graciosa e encantadora bailarina. Pode-se dizer que foi bailarina desde o berço. Não tinha ainda três anos, quando sua tia Francisca lhe ensinou a fazer ponta. Ela foi sempre possuída pelo demônio do teatro. Aos 8 anos viu Carmen Miranda em "Ruas de Paris" e, voltando a casa, fêz um vestido mais ou menos parecido com o da atriz. Durante dias seguidos procurou imitar Carmen. Seus pais não lhe contrariaram a vocação. Ao contrário, ficaram encantados com uma tal herdeira e procuraram encorajá-la. Deram-lhe conselhos, fizeram-na seguir cursos especializados e logo depois Mitzi aparecia em público. Tinha apenas um pouco mais de 10 anos, quando, durante a guerra, ela repetiu a sua imitação de Carmen Miranda para os soldados, que cada vez a festejavam mais ruidosamente. Alguns anos mais tarde, Mitzi Gerber já se tornara "alguém". Dançava maravilhosamente, cantava maravilhosamente, e a sua mímica maravilhosa atraía multidões aos teatros onde trabalhava. O ruído ao seu talento polifórmico chegou aos ouvidos de um "Pesquisador de talentos" da T.C.-Fox, que foi vê-la na "A Grande Valsa", onde ela tinha Walter Slesak como "partenaire" e apenas a representação terminou, levou-a para Hollywood. Quando lhe disseram que Darryl Zanuck queria contratá-la para um papel na "Filha dos Mares do Sul" ela tentou descalçar-se.

Espantados, perguntaram-lhe o que estava fazendo e tiveram que fazer fôrça para impedi-la de entrar descalça no escritório do Magnata. Ela queria, a tôda fôrca, para essa primeira e capital entrevista, dar "côr local". Figurou ao lado de Betty Grable em "My Blue Heavem", "Take Care of mi Litle girl" e "Dows Amony the Sheltering Palmes". Tendo Betty Grable, por capricho, recusado comparecer ao estúdio, trataram de arranjar-lhe imediatamente uma substituta. Foi em Mitzi que pensaram irresistivelmente. Ela rodou então "The I Dont Care Girl". E, num abrir e fechar de olhos, êsse pedacinho de



Mitzi Gaynor ensina como se deve conquistar um homem de coração de pedra...

O Segrêdo da Conquista...

mulher se tornou uma estrêla. Mas continua, antes de tudo, uma garôta endiabrada. Certa vez, quando tôda a equipe estava em plena atividade, no estúdio, ela gritou com tôda a fôrça de seus pulmões: "Lunch Time". Instantâneamente não havia mais ninguém no palco e a cantina, também instantâneamente, se encheu. Foi então que perceberam que eram onze horas, quando o almôço é sempre marcado para meio-dia. Mitzi simplesmente estava com fome e não encontrou meio de satisfazer seu apetite. Conserva a mesma fantasia na sua vida particular. Está firmemente resolvida a não se casar antes dos vinte e um anos. Mesmo nessa idade, arrisca-se a gente a cometer grandes tolices. Mas admiram-se porque ela já tinha uma aliança de noivado no dedo. Respondeu que não era de noivado, mas uma aliança de amizade. Foi ela quem inventou o têrmo. Para aceitar de um rapaz uma aliança de amizade, é prometer-lhe que um dia o aceitará como noivo. O beneficiário desta promessa desigual chama-se Richard Coyle, tem



onze anos mais do que ela e é advogado especialista em contratos.

Ela tem teorias muito pessoais sôbre a técnica a empregar para enfeitiçar os representantes do sexo forte, mesmo os mais rebeldes. "Faça-os rir — costuma afirmar — e vereis como êles vos amarão. Mesmo que tenhais como eu um narizinho arrebitado, podereis ganhar o coração do inacessível Capitão de uma equipe de futebol, se fordes gaiatas. Fiz minhas experiências na escola superior. Enamorei-me do taciturno e gigantesco líder da equipe de futebol da escola. Êle, porém, passava por mim soberbamente, como se eu não existisse. Eu levei uma colega e amiga do curso de arte dramática para o estádio e lá com a minha amiga fizemos várias cenas cômicas. O resultado não se fêz esperar. O capitão de coração de pedra e de músculos de aço,

(Cont. na pág. 31)

NINON SEVILLA





NINON SEVILLA foi a S. Paulo onde aliás os seus filmes fazem mais sucesso e ficam semanas em cartaz. Muita gente no aeroporto, apesar da demora do avião. Chegou pedindo desculpas, que não tinha sido culpa sua e sim do avião que andara "sassaricando..."





No Comodoro, onde se hospedou ofereceu um coquetel aos jornalistas. Depois foi ao Broadway onde interromperam a exibição de seu filme em cartaz e onde foi apresentada por Marino Neto. "Os Anjos do Inferno" a acompanharam. Ninon cantou um samba e depois deu um grande "golpe" como disseram os paulistas, pulou para a platéia e começou a dançar com os espectadores de tôdas as classes e dansou até com o guarda civil. Foi um delírio. Tomou conta da platéia.



deu um golpe...

Estas fotos, exclusivas para **"A CENA"**, dizem melhor.

Ela disse aos jornalistas que o seu filme que está sendo filmado no Rio vai adiantado e nêle tomarão parte as cantoras Carmélia Alves e Doris Monteiro e estão no filme também as músicas brasileiras "Sassaricando", "Lata Dágua", "Delicado", "Maria Candelária", "Quem Chorou Fui Eu", "Brasileirinho" e "Cabeça Inchada". Relembrou o início da sua carreira artística no Teatro de Cuba, sem dar bola para o Cinema, até que uma excursão ao México lhe deu oportunidade para ser convidada para filmar. E terminou dizendo que a querem casar a fôrça... mas que é solteira, podendo até

(Cont. na pág. 31)









Lolita, dançarina da orquestra de Agustin Lara, apare ceu de espanhola na TV. Na câmara, Pedro Tôrre.

VIDÉO

(Comentários de "ERRE" sôbre programas da televisão de 21 a 28 de abril)

QUINTA-FEIRA, 24 de abril de 1952, foi um dia que ficará marcado para sempre na história da televisão brasileira: a estréia do programa "História do Teatro Universal", com a peça de Sófocles "Antígona", tragédia grega que marcou o início do teatro no mundo. Bem escolhida, sem dúvida, apesar dos defeitos de marcação e interpretação, foi uma iniciativa arrojada que merece todo o apoio do público.

Quanto à direção, teve grandes falhas, apesar do pouco espaço do estúdio. O sr. Chianca de Garcia quis aproveitar uns atletas bonitões, entulhando um pouco a cena. Guarda-roupa e cenários, de primeira. Isso não nos surpreendeu, pois conhecemos de sobra o bom gôsto do sr. Pernambuco de Oliveira.

A interpretação deixou muito a desejar, principalmente o sr. Sadi Cabral, exageradíssimo na maneira de falar, especialmente no final quando parecia um bezerro no matadouro, e com os olhos muito pintados. Fernanda Montenegro exagerou demais. E' pena, pois a direção devia ter cuidado melhor de tão bom elemento. Aliás, não creio ser êsse o melhor gênero para Fernanda Montenegro. Jaci Campos foi a surprêsa da noite, pois estêve discreto e dentro do espírito da peça, sem trejeitos ridículos nem exageros. Bem também, estiveram Paulo Pôrto, Narto Lanza e a narradora Ana Adler. O resto não comprometeu.

Em geral, o espetáculo agradou, apenas achamos que os atores não têm culpa dos erros, pois teatro grego não é um teatro comum e exige um preparo especial e atores que se dediquem ùnicamente a êsse gênero. Não podemos exigir de um Sadi Cabral que sempre fêz teatro ligeiro, transformar-se da noite para o dia em um Creonte perfeito. Não, isso não! Mas podemos exigir que para êsses espetáculos haja um diretor especializado no gênero e não um leigo nessa matéria, como é o sr. Chianca de Garcia.

★

Muito bem andou a TV Tupi em convidar o sr. Pascoal Carlos Magno para inaugurar o programa "História do Teatro Universal". Pois é ùnicamente a êle que nós devemos as poucas iniciativas arrojadas de apresentação dêsse gênero de teatro aqui no **Brasil.**

★

Por que será que os locutores da TV se apresentam sem gravata? Isso é uma desconsideração para com o público. Aliás, na segunda-feira, 21 de abril, o sr. Ari Barroso fêz sua "Resenha esportiva" nessas condições. Será para combinar com o título do programa?

★

Rosângela continua sendo um chute nas canelas. Calada, ainda passa. Mas falando...

★

Assim como a sra. Elia Bernard devia fazer menos caretas quando fala...

★

Lia Miaa é outro elemento que a TV descobriu. Calada, vá lá, mas falando e cantando incomoda até os ouvidos de um fiscal da Central do Brasil...

★

Araci Côrtes estreou, cada vez mais gorda, porém simpática e com a voz incomparável que Deus lhe deu. Aliás, gordura não tem importância quando a artista tem real valor e qualidades incontestáveis. Vocês conhecem a Sophie Tucker e a Kate Smith?

★

As girls da revista das segundas-feiras continuam sendo um mostruário de feiuras. E como se tal não bastasse, desajeitadas e desprovidas de qualquer "charme". E' preciso não esquecer que uma pequena pode ser muito interessante e graciosa pessoalmente, mas para trabalhar na televisão são necessários os dotes esenciais de fotogenia...

★

Na revista do dia 21, enquanto Leônidas Autuóri fazia o seu número, as girls ao fundo da cena, fazendo moldura ao número, falavam de seus assuntos mais alto que o som do violino...

★

Ótima, a apresentação de "Sucessos Musicais", com o seu idealizador Aldo Viana e a orquestra Tabajara. Aliás, êsse é um dos únicos programas que mais à vontade deixa, tanto os artistas como os telespectadores.

★

"Amanhã se não chover", no seu segundo ato apresentou Beatriz Consuelo, uma das primeiras bailarinas do Teatro Municipal, e que agora se revela comediante, nas mãos de Silveira Sampaio. Aliás, vê-se a escola do professor, pois Beatriz, como boa aluna, gesticula igualzinho ao mestre...

★

Melhorou muito! A TV Tupi resolveu, no teatrinho de Silveira Sampaio, dar o elenco dos artistas que trabalham na peça. Mas ainda exibe um cartaz com os nomes de outros artistas que há muito não trabalham na TV.

★

Aguardamos com ansiedade a nova modalidade do programa dos calouros do Ari.

★

No teatro Policial, o que mais assustou o público foram as contínuas caretas de Elia Bernard.

★

Com tanto bom locutor que possui a Tupi por que nos faz "gramar" o Jair Martins?

★

Assim como o Gontijo Teodoro, que devia ter mais cuidado e não engasgar tanto!

★

Muito interessante o programa de Mário Provenzano, "Nos Bastidores do Esporte", pois tem uma maneira original de nos pôr ao par do que vai pelo mundo do esporte, pela bôca dos próprios interessados: os esportistas.

★

Sexta-feira não gosto de ver televisão, pois o programa "Histórias do além-túmulo" indispõe o sistema nervoso de qualquer um. Apesar de que o último programa, do dia 25, não estava ruim.

★

Não gosto do programa infantil "Gurilândia". Tirando-se uma ou duas interpretações verdadeiramente infantis, as outras têm o especial cuidado de apresentar meninas de 8 a 14 anos, com trejeitos de mulheres fatais, com olhares cinematográficos e maliciosos. Isso não fica bem, pois serve de exemplo a uma quantidade de garotos que assistem TV em casa e que procuram imitar as artistas-mirins. Lembrem-se que televisão é sinônimo de difusão cultural.

★

A revista "A camisa da Vitória", de segunda-feira, 28, assinada por Luís Peixoto e J. Maia foi de nível bem inferior ao das demais. Talvez faça falta uma boa figura de proa, ou talvez falta de inspiração por parte dos autores

★

"La Boheme", de Puccini, domingo, à tarde, foi uma belíssima distração que a TV Tupi proporcionou aos tele-fãs. E como se não bastasse, o filme italiano de longa metragem, à noite, também foi bom. Quando a esmola é demais, o santo desconfia.

★

Sexta-feira, 25, chegaram ao Rio os campeões pan-americanos de futebol. Duas vêzes "hurrah"! A primeira, pelo campeonato, e a segundo, porque a sua chegada interrompendo o trânsito impediu a ida ao estúdio da Tupi do professor Belar que não pôde apresentar o seu "Teatro de Bonecos". Que sorte!

história de uma infâmia



JAIME GARRAULT, mecânico dos laboratórios Labroue, é surpreendido pelo patrão quando tentava roubar os planos de uma nova invenção. Ao ver-se descoberto pelo chefe, crava-lhe um punhal e apodera-se de grande quantia juntamente com os documentos.

A paixão violenta que sente por uma jovem viúva chamada Giovanna Fortier, induziu-o a cometer êste delito, porém quando a jovem se nega a fugir em sua companhia, o seu grande amor se transforma em ódio. Nesta ocasião, Jaime aproveita a confusão provocada por um pequeno incêndio nos laboratórios e para que as suspeitas recaiam sôbre Giovanna êle consegue evadir-se de forma tal que, todos pensam haver sido que, pela sua grande abnegação aos patrões êle fugira com os documentos a fim de resguardá-los.

Aparecem várias circunstâncias das quais Giovanna não consegue se defender, estas fazem com que todos a tenham como culpada do crime e para isto, a jovem viúva busca refúgio na casa do Sacerdote de Chevry. Alí, é detida, sendo testemunha da triste cena o pintor Castel, que comovido pelo desespêro da jovem desgraçada, promete cuidar de seu filhinho, o pequenino Jorge. Antes de ser conduzida ao cárcere não lhe foi permitida uma visita a sua pobre filhinha Lúcia que está sendo criada em Joigny.



Esta proibição transtorna a cabeça da pobre mulher que passa vários anos no manicômio de Salpetriere, até que, ao ser condenada a prisão perpétua pelo assassinato de Labroue é transportada para a prisão de Clermont. Quando recupera a razão, Giovanna Fortier se preocupa sòmente pela sorte dos filhos, porém, para maior ainda sua desgraça, nenhuma notícia se tem dos garotos.

Sem dificuldades, o pintor Castel havia cumprido sua promessa. Fêz do pequenino Jorge um brilhante advogado e, quando o jovem completára 25 anos fêz com que êle passasse uma revisão no processo de Giovanna Fortier, sem revelar que se tratava de sua mãe. Sua filha Lúcia, vive também em Paris e ganha modestamente a sua vida com o ofício de costureira. Lúcia entabola relações amorosas com u mrapaz das vizinhanças que não é outro senão Luciano Labroue, filho da vítima de Garrault, o mecânico assassino, que depois de haver feito uma grande fortuna na América com a invenção roubada, regressa a França em companhia de sua filha, Maria. Chega a sua pátria com o falso nome de Pablo Harmant e conquista uma das posições mais elevadas na Indústria Francêsa.

Jorge, o jovem advogado, havia mantido relações com Luciano Labroue, porém nestes dias a desgraçada Giovanna Fortier consegue evadir-se da prisão de Clermont com uma ideia fixa; encontrar seus filhos. Em Chevry, toma conhecimento de que o pequenino Jorge havia sido protegido pelo pintor e que atualmente estavam vivendo em Paris. Giovanna embarca para a capital com a esperança de encontrá-los e, para ganhar a vida dedica-se a venda de pão. Jorge, que havia sido nomeado acessor jurídico do falso industrial Harmant, conseque que Luciano Labroue seja designado para diretor dos laboratórios do assassino de seu pai, sem pressentir que, desta forma, junta o filho da vítima com o criminoso.



Porém um dia, o industrial Harmant recebe a visita de um individuo que diz se chamar Ovidio e que afirma ser seu primo. Com efeito, trata-se de um parente do verdadeiro Pablo Hermont, morto 25 anos atrás e do qual Garrault havia usurpado o nome. Ovidio, que é um sujeito sem escrúpulos aproveita-se das circunstâncias para que Garrault confesse o seu roubo de nome para tê-lo desta maneira, prêso entre as mãos. No entanto, Maria, a filha do falso Pablo Har-

(Cont. na pág. 32)

(LA PORTATRICE DI PANO)
Filme Minerva:

Giovanna Fortier	**VIVI GIOI**
Paolo Harmant	**CARLO NINCHI**
Ovidio Soliveau	**JEAN TISSIER**
Amanda	**JACKY FLYNT**
Castel	**NERIO BERNARDI**
Luciano Labroue	**PHILIPPE LEMAIRE**
Giorgio Fortier	**GABRIEL CATTAND**
Lucia Fortier	**NICOLE FRANCIS**
Maria Harmant	**IRENE GENNA**

Direção de: MAURICE CLOCHE



Bibi Ferreira voltou a apresentar «La Conchita».

merry - go - round

IMENSO carroussel, incessantemente a rodar, o teatro, sua gente e suas coisas sempre nos oferecem assunto interessante, aqui, ali, além... ★ **Em Lisboa, Derci Gonçalves revolta-se em cena aberta, diante do público e de seus colegas portuguêses, contra uma crítica insultuosa estampada no semanário "Cartaz". Declara-se ofendida como artista e como mulher e ameaça abandonar o elenco e até o país. Mas recebe uma manifestação carinhosa por parte de seus colegas, solidários com ela, e continua. Bem garantimos nesta seção que sua estréia ia ser uma "bomba"...** ★ A crítica saudou como verdadeira "vedette" essa pequena de valor que ainda há poucos meses ensaiava seus primeiros passos num palco. Nélia Paula vai longe! A Praça Tiradentes (não me acostumei ainda com o novo nome) já a está consagrando! Mas é preciso não esquecer que foi o "teatro da madrugada" das "boites" cariocas que revelou essa vocação de estrêla. Sua verdadeira escola foi o Acapulco... ★ **"Ponto e banca", no Carlos Gomes, entristece quem possui um pouco de sensibilidade. Fazer rir à custa de grosseira pornografia, lançando mão de recursos só aceitáveis em anedotas próprias para rodas masculinas, só se justificaria em espetáculos tipo "gênero livre" ou nos "burlesques" de Chicago e Nova Jersey. E o mais lamentável é que se aproveite tão mal artistas de valor como Walter Dávila, Spina, Virgínia Lane e Violeta Ferraz! A maior prova do que afirmamos é a cena mais engraçada da revista não necessitar dêsses grosseiros recursos para agradar realmente. Trata-se do quadro em que Walter Dávila compõe o tipo de um namorado ingênuo que tenta escalar o balcão de sua amada. Divertidíssimo sem ser imoral...** ★ A princípio era um boato, que infelizmente foi se confirmando aos poucos, mais tarde. E é com pesar que os amigos sinceros de Colé e Celeste Aída estão recebendo a notícia de que os dois queridos comediantes estão tratando de desquitar-se. Assunto dêles e que só a êles compete decidir, mas ao qual as pessoas que estimam a ambos não podem ficar indiferentes, lamentando que uma união de nove anos, feliz na arte e na vida íntima, se desfaça para sempre... ★ **Heloísa Helena e Paulo de Magalhães em altas atividades na Europa. Divertem-se e cumprem um programa de obrigações sociais e artísticas nas capitais do Velho Mundo. Assim é que é... E' bom não esquecer, no entanto, que Paulo de Magalhães é o autor da frase: "Falem mal, mas publiquem o meu retrato..."** ★ Sim, senhor! Um belo espetáculo, a revista "Há sinceridade nisso?", no Recreio. Revista elegante e fina até certo ponto, exceto nas concessões exageradas que se teimam em fazer ao chamado "público da Praça Tiradentes". Hermínia Silva mostrou ser, além de ótima cantora, uma artista fina e de classe, fazendo rir sem descer às célebres grosserias. Por sorte, estamos informados que o único "sketch" de mau gôsto já foi retirado da peça. Isso é que é direção! Parabéns, Rosa Mateus! ★ **E o carroussel continua girando...**

CESAR LADEIRA

BÔCA DE CENA

PARA fazer teatro é preciso o entusiasmo da mentira. O teatro é apenas uma brincadeira que aparenta ser a vida real. Dos trabalhos teatrais fala-se muito: mas nêles não se pensa muito tempo. A ação, no teatro, crêm que consista em fazer entrar e sair personagens em cena.

Mesquitinha e Carlos Tovar fazem uma visitinha a Paulitos, em seu camarim.



palco

O público é o sufrágio universal na arte. Não era bastante aceitá-lo como padrão na política?

Teatro popular. Seria necessário antes ensinar o povo a rir e a chorar: êle se engana continuamente.

Lemaitre e eu estamos de acôrdo que o teatro brasileiro socialista é uma desonestidade de gente sem pudor. E depois, aquêles personagens que poderiam vantajosamente ser substituídos por um conferencista sôbre uma cadeira!

Certos autores "fabricam emoções" como se fabrica "vaudeville".

O teatro não será renovado a não ser por aquêles que nada entendem dêle.

A trôco de que dizer a verdade sôbre uma arte que não comporta nenhuma?

O teatro é a moradia da inconsciência. Um escritor que tenha o mínimo escrúpulo está perdido. Há alguém que não terá nunca uma entrada gratuita: a Verdade. Um empregado surdo e cego a reconheceria e a mandaria embora.

JULES RENARD



Colé e Celeste Aída

O crítico teatral mais original do mundo, com têda a certeza, é "O Poeta Caldas", do "Século Ilustrado" de Lisboa, pois só comenta as peças teatrais em versos. Já tivemos ocasião de transcrever, nesta seção, seus comentários sôbre a comédia "Avatar", de Genolino Amado, pela Companhia Dulcina-Odilon. Hoje traremos seus versos sôbre a estréia de Decy Gonçalves em Lisboa, na revista "Rebola a bola".

Eu nunca vi rebolar
uma bola de bilhar
com mais fúria e com mais gana
como rebola a Dercy.
Nas veias tem Parati
ou aguardente de cana.

O sangue não faz aquilo;
é líqu'do mais tranquilo
mesmo com febre a quarenta
Aquilo só com cachaça
e com nervos de tal raça
que nem o palco a sustenta.

Grita cantando, e se fala,
sem cantar, aturde a sala;
tamanho nervoso a anima
que o público até receia
que salte para a platéia
e venha cair-lhe em cima.

Um "tornado", um furacão,
um corisco ou um trovão
que se sofra por castigo,
faz mais estragos decerto,
Nem o "simoun" do deserto
traz tanta areia consigo.

Tá bom? Sem comentários...

giratório



Quando se ensaiava «Há Sinceridade Nisso?»



Francisco Castro, Hermínia Silva e Elvira Figueiredo, portuguêses do elenco de «Há Sinceridade Nisso?»

Em baixo, dois aspectos da nova revista do Follies, «Tira a mão daí»







Cena de «Fixed Bayonets» — «Baionetas Caladas»



«Just Thin Once», com Janet Leigh, Peter Law ford e Lewis Stone. Em baixo, «Japanese War Bride» — («A Intrus a»), com Don Taylor





Marlo Brando e m Viva

futuras ES

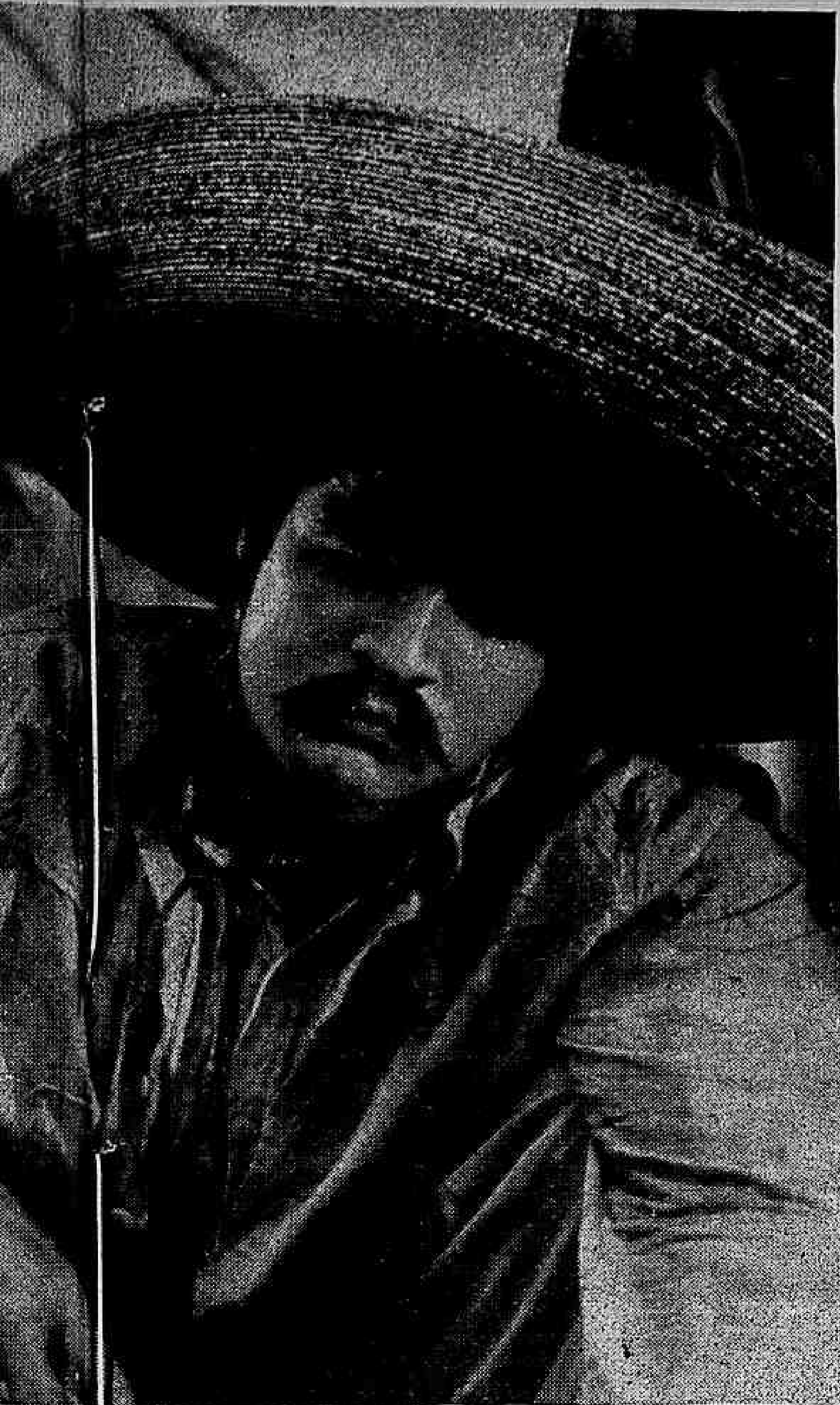
"Singing In The Rain" (M.G.M.) — Uma sátira aos primeiros dias do cinema falado, reapresentando as músicas mais populares daquela época. Gene Kelly dança com Cid Charisse e Donald O'Connor. Debbie Reynolds e Jean Hagen figuram.

"Five Fingers" (Cinco Dedos) (20th Century-Fox) — Uma história de espionagem desenrolada no Oriente próximo. James Mason é o espião e Danielle Darrieux a mulher tão cara quanto êle. O novo ator Michael Rennie figura.

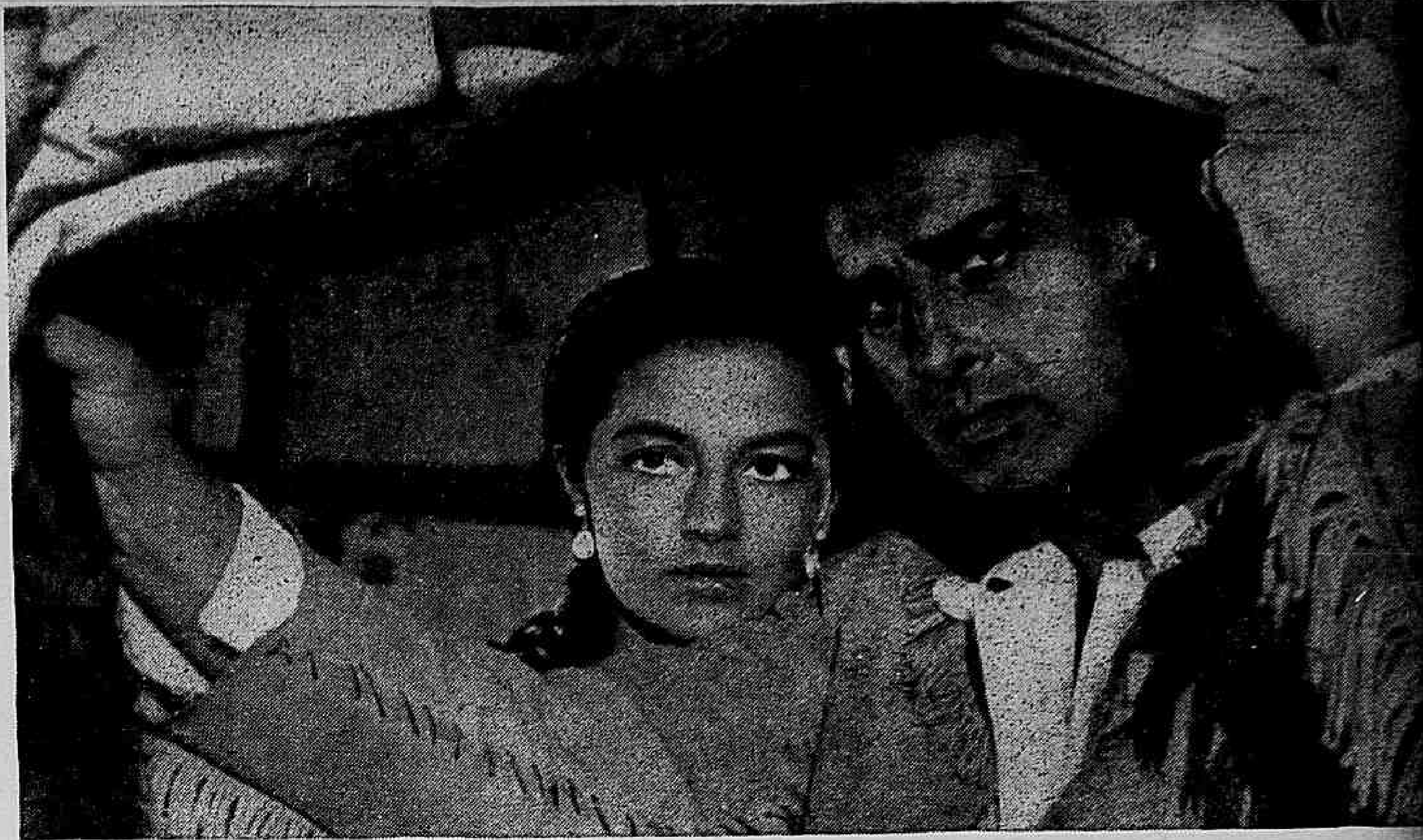
"Viva Zapata!" (20th Century-Fox) — Como "Viva Vila" há anos, uma página da história mexicana, com Marlon Brando no papel do revolucionário, com Jean Peters, Margo, Anthony Quinn

e J
"
de
ma
Me
das
nar
Da
T
de
Afr
Hu
tha
ter
de





do em «Viva Zapata»



«The Wild North», com Stewart Granger e Cyd Charisse

ESTRÉIAS

Uma rea- quela sse e Ha- tury- olada espião uanto Como stória evolu- Quinn

e Joseph Wisemann, sob a direção de Elia Kazan.

"Phone Call From A Stranger" (Telefonema de um estranho) (20th Century Fox) — Drama psicológico. Num desastre de avião, Gary Merrill é o único sobrevivente, envolvido nas vidas de Shelley Winters, Michael Rennie e Keenan Wynn. Num pequeno mas forte papel, Bette Davis surpreende.

The African Queen" (U.A.) — Adaptação de uma novela de sucesso, o filme foi filmado na África, em Tecnicolor. Conta as aventuras de Humphey Bogart, capitão de um navio, e Katharine Hupburn, irmã de um missionário, nos tempos da primeira guerra mundial. Direção de John Huston.

"Buggles In The Afternoon" (O Último Baluarte) (Warners) — Ray Milland é um capitão de cavalaria, nos tempos da guerra civil ianque, que procura vingança. Helena Carter é a pequena e Forrest Tucker e Hugh Marlowe os outros nesta aventura em Tecnicolor.

"The Greatest Show On Earth" (Paramount) — O novo super espetáculo de Cecil B. De Mille, reune todos os seus processos de emoção, para a glorificação da vida de um circo. Cornell Wilde é o astro número 1, Betty Hutton a trapezista, Charlton Heston o empresário, Dorothy Lamour a equilibrista, Gloria Grahame a amazona e James Stewart o palhaço, além dos verdadeiros artistas do circo.

"Japanese War Bride" (A Intrusa) (20th Century-Fox) — Don Taylor é o aviador americano, ferido na Coréia e convalescendo no Japão, onde se casa com Shirley Yamaguchi — a "estrêla" nº 1 do cinema japonês. Drama de conflito de raças. Marie Windsor figura.

"The Green Glove" (United Artists) — O filme foi filmado na Europa e conta uma aventura policial, com Glenn Ford e Geraldine Brooks, as voltas com o larápio George Macready. Vários artistas franceses como Gaby Andreu e Meg Lemonnier figuram.



Gene Kelly e Debbie Reynolds em «Singing in the Rain». Em baixo, James Mason e Danielle Darrieux em «Five Fingers» (Cinco Dedos)

"Bend Of The River" (Universal-International) — Jimmy Stewart conduz fazendeiros para o velho oeste, neste "western" de luxo, tecnicolorido, com Julie Adams e Lori Nelson no romance, Arthur Kennedy e o veterano Stepin Fetchit na comédia.

"The Dark Page" (Columbia) — Broderik Crawford é o rude editor que transforma o jornal numa fôlha de escândalos, complicando a vida de John Derek, Donna Reed e Rosemary DeCamp neste filme dramático.

"One Big Affair" (United Artists) — Evelin Keyes é a professôra americana em férias, que se vê envolvida numa complicação no México, em companhia do advogado Dennis O'Keefe. Emoções.

"A Girl In Every Port" (RKO Radio) — Groucho Marx e William Bendix são marinheiros nesta comédia sôbre corridas e pequenas, com Marie Wilson como a principal.

"This Woman Is Dangerous" (Tragédia de Meu Destino) (Warners) — Joan Crawford é a mulher perigosa, envolvida com um "gangster", David Brian — e um médico, Dennis Morgan. Outro drama feito à medida para a personalidade de Joan.

"Red Mountain" (Paramount) — Drama de aventuras no século passado, com índios, soldados, rebeldes. Alan Ladd amando Lizabeth Scott, John Ireland, Arthur Kennedy e outros.

(Cont. na pág. 33)



Dorothy Lamour dá uma recepção aos anões que tomam parte em «The Greatest Show on Earth» ←



★ ★ ★ **Semana**



AS comemorações de Santo Antônio, São João e São Pedro vêm aí, nas tradicionais festas juninas do povo brasileiro, que não se esquece dos fogos, das fogueiras, das sortes, dos bailes, dos balões, da indumentária caipira, tão bizarra e tão própria para as "quadrilhas" e para os "casamentos" alegres e ruidosos. E sobretudo das músicas que falam à alma romântica do povo, nos milagres dos santos e nas esperanças das moças casadoiras. Virgínia Lane acaba de gravar, com aquela graça espontânea tôda sua, uma canção de Alberto Ribeiro e Antônio Almeida, "Santo Antônio Casamenteiro", cuja letra aí vai:

Marcha de Alberto Ribeiro e Antônio Almeida. — Gravação de Virgínia Lane, em discos Todamérica.

Bis
Santo Antônio é casamenteiro
E São Pedro é bom pescador.

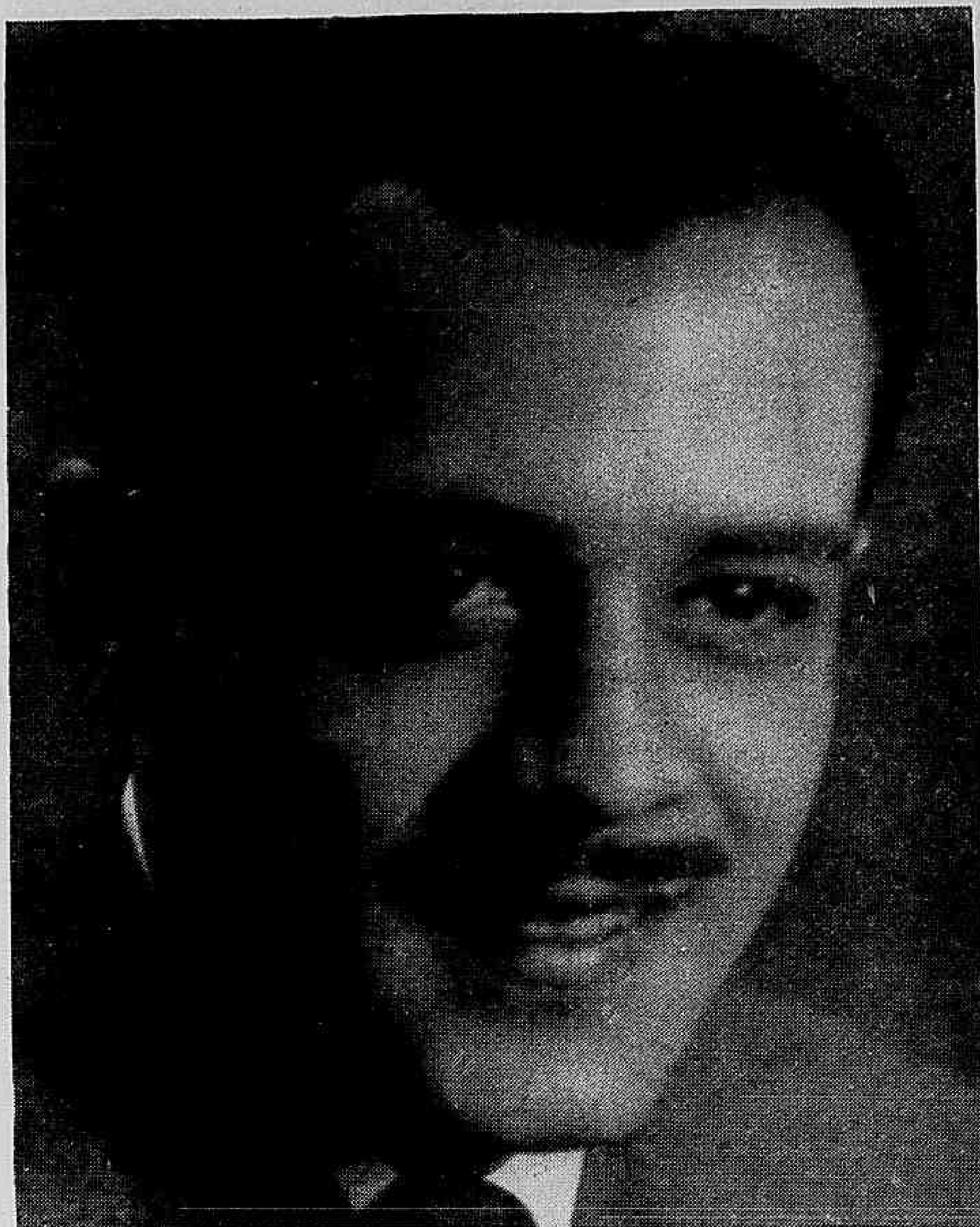
Joãozinho é um bom padrinho,
E' dindinho de Jesus Nosso Senhor

II

Eu disse a Santo Antônio que queria me casar,
Porque sòzinha assim eu não consigo mais viver.
São Pedro, um maridinho, bonitinho, foi pescar
E São João jurou que meu compadre há de ser.

MARLENE já está novamente entre nós, de volta de sua viagem ao Chile. A ex-rainha do Rádio, que ainda conserva a majestade da graça e da elegância, conquistou não só os aplausos dos que a ouviram, como as simpatias de todos os chilenos. Foi uma encantadora embaixatriz da nossa música popular ao país dos Araucanos, onde o ritmo nostálgico das melodias andinas é um gemido de saudade dos tempos primitivos daquele povo trabalhador, que enfrenta a natureza agreste do seu país com a coragem heróica dos que não se deixam vencer. A música brasileira, portanto, para aquêle povo, tem de ser, naturalmente, de uma sedução e de um enlêvo todo especial. A nossa música nasceu, como a nossa poesia, da mistura de outras músicas de povos heróicos e sofredores, onde o riso se misturava às lágrimas, e a nostalgia encontrava seu consôlo nas melodias que vêm da alma e para a alma vão. Assim, nossa música deve penetrar no fundo do coração do povo chileno, uma amálgama do espanhol conquistador, do francês colonizador e do Araucano, habitante dos altos píncaros andinos, que, vindo ao litoral, para a contemplação do mar, voltou, um dia, à cordilheira indomável, para tanger nos seus instrumentos primitivos, os lamentos de sua saudade e de seu desencanto. Mas, hoje, o índio Araucano é homem civilizado e perfeitamente adaptado à vida moderna. A música chilena é, assim, o produto de duas escolas privilegiadas, a espanhola, sobretudo, e a francesa, com laivos de tristeza indígena, que lhe dá uma beleza e um encanto, que, para nós brasileiros, não são desconhecidos, porque a nossa música também os possui. E que melhor intérprete dos nossos motivos populares poderíamos encontrar do que MARLENE? Ela foi, sem dúvida, uma embaixatriz admirável que bem merece os nossos aplausos e os nossos agradecimentos.

MAX MINO



Alfredo Simoney, cantor exclusivo da Rádio Record e da Boite Oásis e um grande galã...

★

Jorge Veiga, o vencedor do último carnaval com o samba "Quem chorou fui eu", sabe ser um bom papai. Proclamou ao microfone, de alma alegre, o popular cantor do nosso rádio, que sua dileta filha já está uma moça, orgulho do seu papai, e vai casar com o queridíssimo Alcides Gerard. Parabéns a Jorge Veiga e felicidades aos noivos.

★

Diz-se que Marilena Alves vai casar. Que seja muito feliz e que não deixe o rádio por causa disso. O nosso "broadcasting" não pode perder seus bons elementos por artes de Cupido. Marilena Alves é um dos elementos de primeira plana do rádio-teatro e é exclusiva do Rádio Clube.

★

Silveira Lima, que é um dos nossos mais simpáticos animadores de programas de auditório, é dentista. E, para não perder o hábito, aparece sempre com suas piadas e brincadeiras diante dos ouvintes, e o resultado é que todos são obrigados a lhe mostrar os dentes... sorindo, bem entendido.

★

Leônidas da Silva, o célebre "Diamante Negro" do nosso futebol, assistiu às nossas conquistas no Chile, onde o "scratch" brasileiro se sagrou campeão do I Pan-Americano. Assistiu como torcedor e comentador de uma emissora paulista, que o enviou a Santiago. Mais um elemento que conquista o rádio nacional, e valioso, porque se trata de uma autoridade no assunto. Hoje, no rádio, o esporte é uma especialidade e precisa de quem entenda do riscado.



Quincas Gonçalves, como seu irmão Nelson, é cantor. Pouca gente sabe disso porque o Quincas tem a sua personalidade e não é apenas o «irmão de Nelson Gonçalves». Está no Rio para realizar algumas gravações para a R.C.A. e estêve em visita à Rádio Nacional onde atuou nos programas de Paulo Gracindo, Manuel Barcelos e César de Alencar. Quincas tem atuado em S. Paulo, onde foi eleito «Rei do Rádio Português no Brasil», Mostrando ao Nelson que também tem coroa.

Tôda a cidade já tomou conhecimento de que através da onda de PRF-4 — Rádio Jornal do Brasil, vamos ouvir, na voz de Jayme Moreira Filho, os jogos da Taça Rio, simultâneamente com a descrição das corridas do Jockey, na voz de Teófilo de Vasconcelos. Fato inédito no Rádio Brasileiro.

★

A atividade na Tupi é verdadeiramente dinâmica. Todos estão dando o máximo para que o público, que lhe dá preferência em seus receptores, não sinta falta dos bons elementos que deixaram o seu prefixo e foram para a Nacional, a Mayrink e o Rádio Clube. E diz-se mesmo que tão cedo não descansarão, porque iniciaram uma fase de evolução verdadeiramente revolucionária. Que não haja pressa nessa atividade necessária, porque mais vale um passo dado com segurança do que dois em falso. Bons elementos não faltam por aí, e o que é preciso é que a



ERICSSON MARTHA é um cantor que vai progredindo dia a dia, e já se firma como um dos nossos bons intérpretes de música popular. Exclusivo da Todamérica, gravou agora, com sua bonita voz, novos discos que certo lhe aumentarão o nome, já tão apreciado. De sua interpretação é o disco de Todamérica Hino do Samba, de autoria do nosso festejado maestro José Maria de Abreu, um veterano que não cansa, e de J. Amorim, outro ótimo autor. Na outra face o Samba do Adeus, dos mesmos autores.



MAIS um sucesso de Elizete Cardoso, a juntar-se aos muitos que a querida cantora vem obtendo, é "Nosso Amor... Nossa Comédia", cuja letra abaixo oferecemos aos nossos leitores. São autores do samba Erasmo Silva e Adolar.

Gravação de Elizete Cardoso em disco Todamérica.

Nosso amor, nossa comédia,
Nosso amor, nossa tragédia,
Passatempo do destino...
Disse me disse, intrigas,
Beijos, carinhos, brigas,
Quietude, desatino...

II

Dois personagens apenas,
Só nós dois entre centenas,
História singular...
História da nossa vida,
Nossa história preferida,
Que eu não posso revelar.

Tupi, que tem incontestável prestígio no conceito dos que ouvem rádio, saiba encontrá-los e lhes dê o merecido lugar.

★

Temos a registrar um fato digno de nota. A volta de Araci Côrtes ao microfone, mas desta vez, através da Televisão. Araci representa uma glória da nossa música popular, justamente na sua modalidade mais curiosa e, talvez, a mais difícil, o chorinho. Quem não se lembra das suas interpretações que fizeram época? Pois aí a temos de novo em voz e em imagem. Felicidades Araci Côrtes e novos sucessos.

★

Lamartine Babo está novamente no ar com a sua "Canção do Dia", agora às 20,10 na Rádio Clube. Lamartine diz tudo em versos e música, gracejando e fazendo rir os ouvintes. Mas, cuidado, porque o Lamartine faz crítica severa em ar de brincadeira e não perdoa aos que erram, abusando da paciência do povo, nesta leal cidade de São Sebastião. Muito bem, Lamartine Babo, a volta da "Canção do Dia" era uma necessidade porque ela é uma das tradições mais interessantes do rádio brasileiro.

★

O programa "Ondas Musicais" é um dos mais apreciados do nosso "broadcasting" e, sem dúvida, um cartaz magnífico de apre-

(Cont. na pág. 32)

Outra noite de ballet...

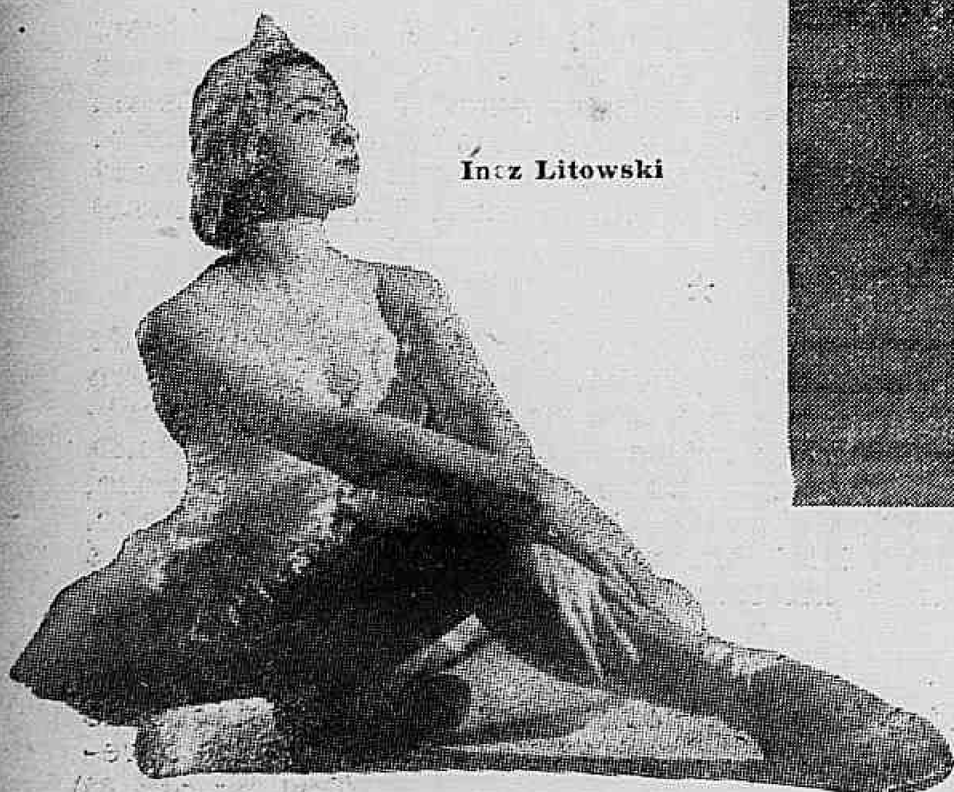
Por JACQUES CORSEUIL


Beatriz Consuelo


Ebba Will


Denis Grey


Júlia Rodrigues


Inez Litowski

O segundo espetáculo com o mesmo programa foi em geral inferior ao primeiro, mas... antes de qualquer comentário mais severo que possa ser tomado como crítica — uma explicação. Confesso que gosto demais de "ballet" para atacá-lo a sangue frio. Fácil é criticar confortàvelmente instalado na poltrona — difícil fazer no palco. Quem já foi testemunha do trabalho de formação em aula e preparação nos ensaios, dos artistas do "ballet", sabe muito bem o quanto pede de energia, persistência e coragem a apresentação de um espetáculo como êste, para destruí-lo assim com uma crítica simples e fria. Por isto, antes de ser julgado com severidade, o nosso "ballet" deve ser compreendido. Construir antes de demolir. Não quero também dizer com isto que se vá glorificar falsos valores ou ignorar os fundamentos e princípios que equilibram o "ballet" — o "standard" ao qual ninguém pode fechar os olhos se quiser ter um "ballet" digno dêste nome e não um festival escolar de fim de ano... Se Florestan deve dar "tours en l'air", é apenas lógico que os mesmos tenham acabamento, se não perfeito, ao menos razoável. Não é crítica derrotista estranhar se Aurora termina as piruêtas de frente para o príncipe... Se o Pássaro Azul não saltar com elevação ou não executar 24 "brisés", naturalmente a sua dança não terá a mesma claridade e precisão. Não é possível aplaudir como coisas verdadeiras, piruêtas tortas e sem estilo, passos "sujos", joelhos dobrados, falta de linha ou extensão, etc... Se pontos assim forem esquecidos, para que então fazer "ballet" clássico? E' melhor montar logo uma revista ou um "show"...

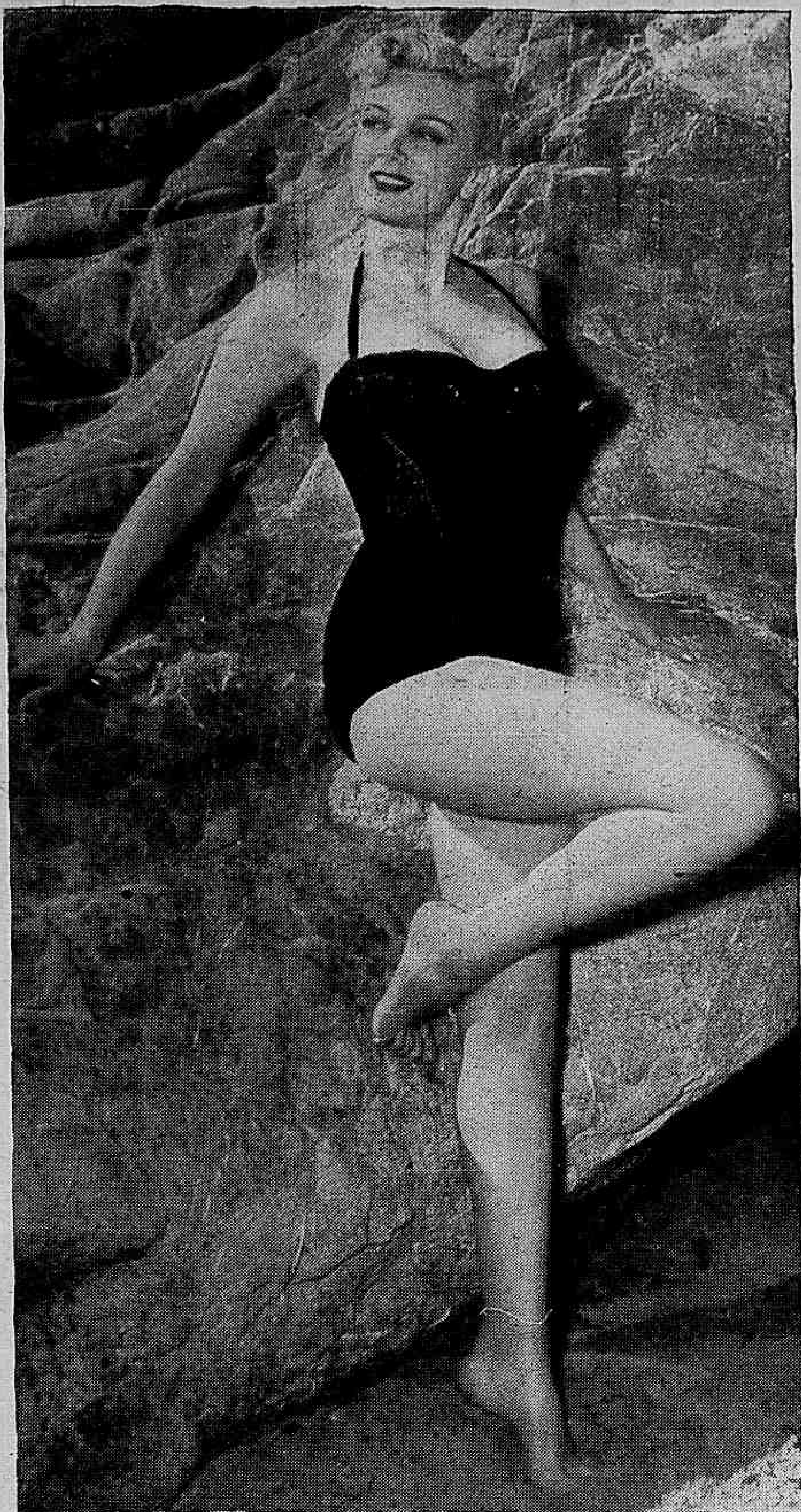
Sôbre a segunda "Aurora" o menos que se disser melhor — entretanto, como seria bom poder falar mais, pois o sistema de revezamento colocou em destaque outras figuras! E nada mais interessante para o constante "balletômano" do que ver os novos também obtendo boas "chances". As novidades incluem a juvenil Yvonne Meyer e a sofisticada Irina Tschesnakova nas variações. Inez Litowski (com um belíssimo escorregão em cena) e Josemary Brantes (tão à vontade) no "pas de trois". Edmundo Carijó, um elemento de futuro, chefiando os 3 Ivans com mais elevação e menos vigor. Ezy Garro e Zeni Lacerda em "estilo" nas chinesinhas. David Dupré no "Pássaro Azul", por motivo de saúde, não pôde aproveitar integralmente êste grande papel, mas assim mesmo foi um alívio ver um dançarino executar bem e terminar com segurança e aparente facilidade quase tôdas as piruêtas e "tours en l'air".

A queda de Inez Litowski pode ser o seu "batismo", pois é considerada no "ballet" internacional um sinal de sucesso (que o digam Leskova, Lichine e outros) e Inez está precisando de sucesso para voltar ao seu gôsto antigo pelo *ballet* — menos funcionária e mais dançarina. Aldo Lotufo, que tem tudo para ser um bom dançarino, ainda não venceu desta vez o problema dos "tours en l'air".

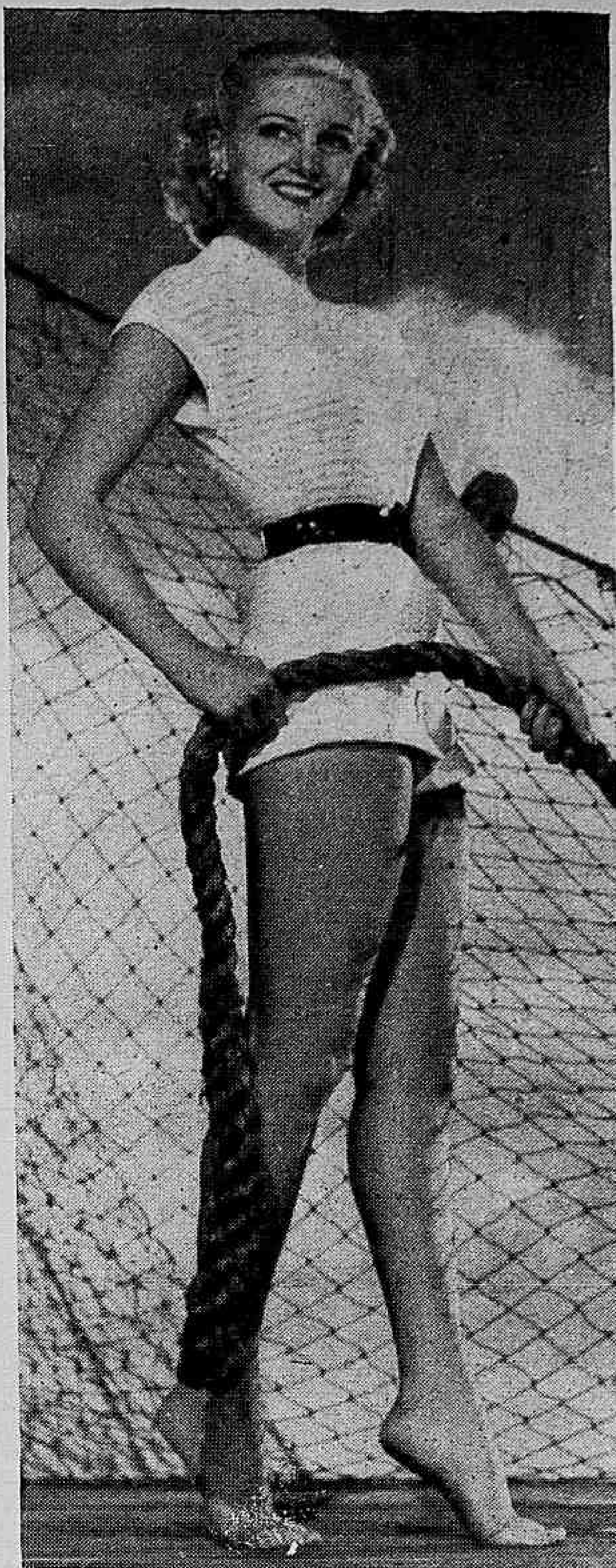
Johnny Franklin com a figura para

(Cont. na pág. 32)


Artur Ferreira



JAN STERLING, seus cabelos louros e seu "maillot" verde...

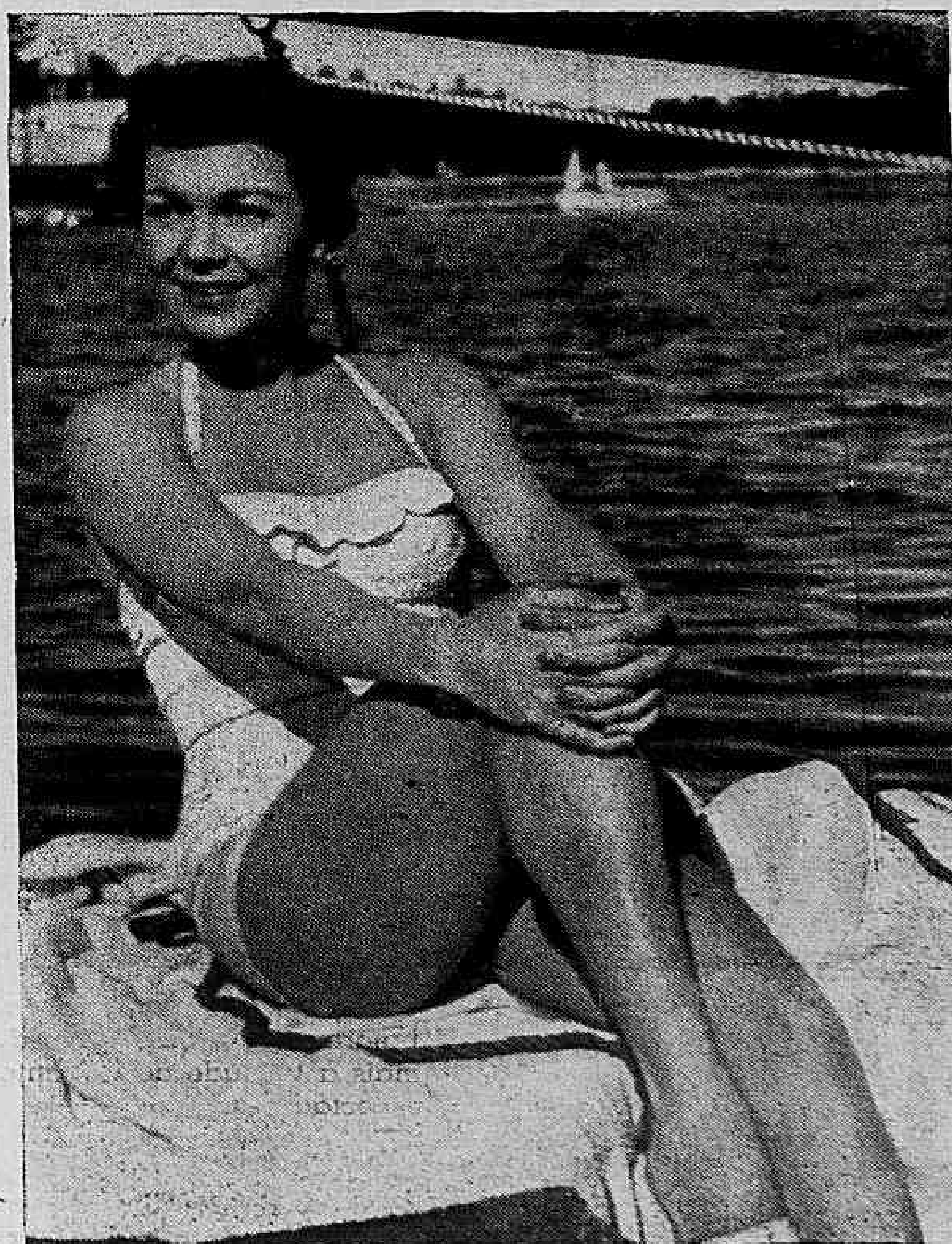


Ainda Jan Sterling, com a rêde pronta na praia da Paramount, onde aparecerá em "The Big Carnival" e "Rhubard"...



Kathleen Hughes, da U.I., onde aparecerá em "Sally and Saint Ann"...

É doce viver no MAR...

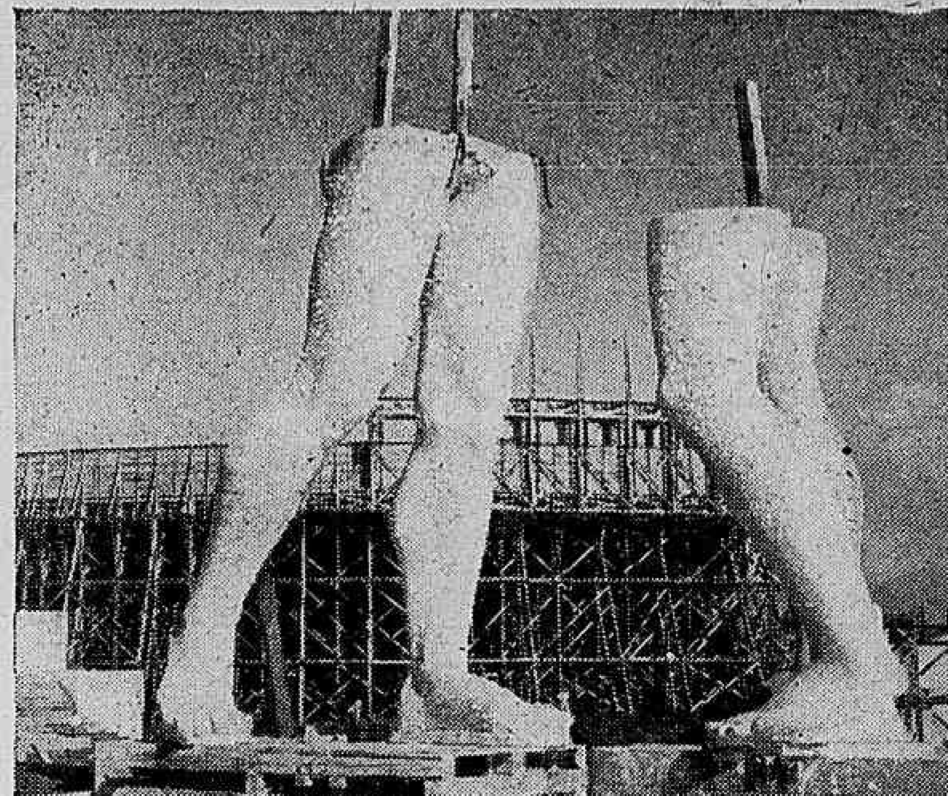


Jane Wyman não dá muito para estas publicidades, mas aqui a famosa "Belinda", agora com a Paramount. "Just for you" vem aí...

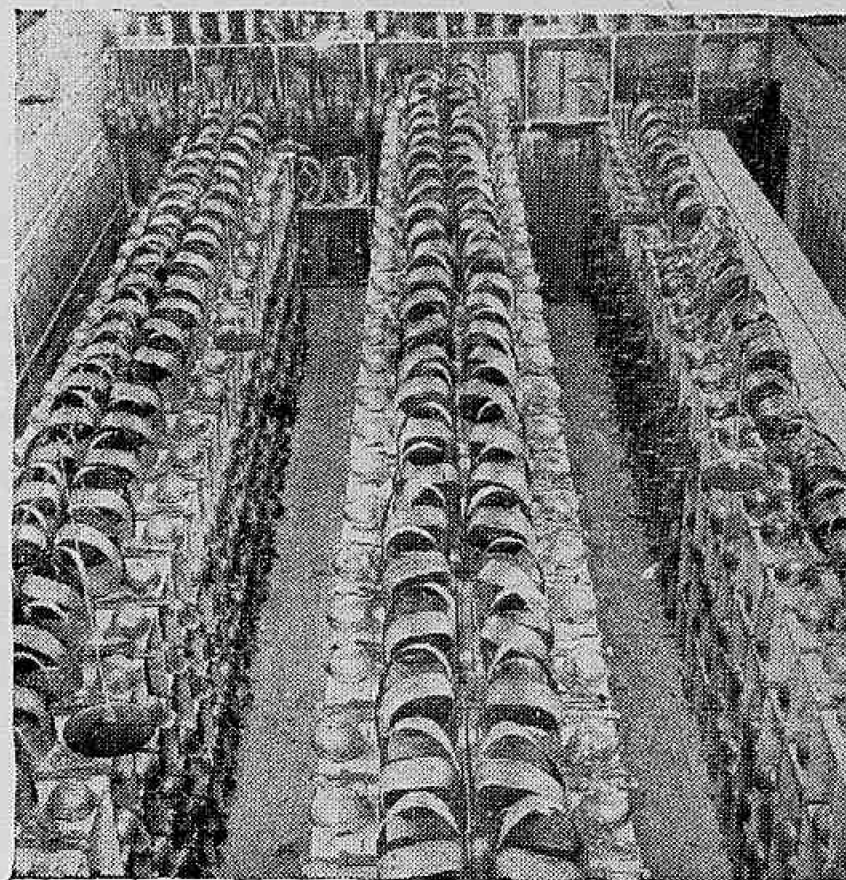
Ao sol de Roma e em tcchnicolor



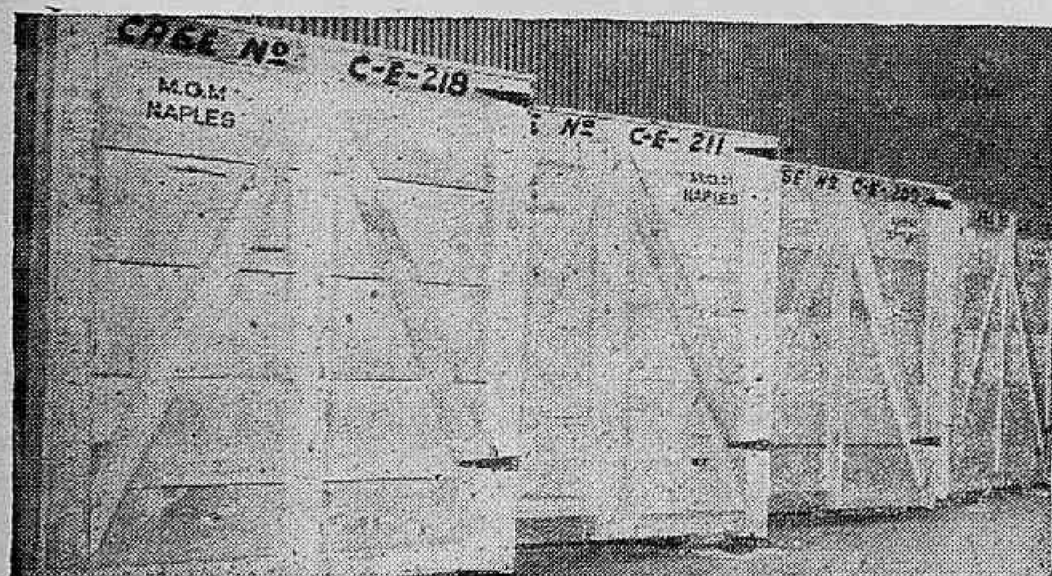
Uma cena de Robert Taylor



A construção das estátuas a frente do Palácio de Nero foi um dos problemas da montagem



Nada menos de 2 mil capacetes foram necessários, como parte da importante e dispendiosa vestiária

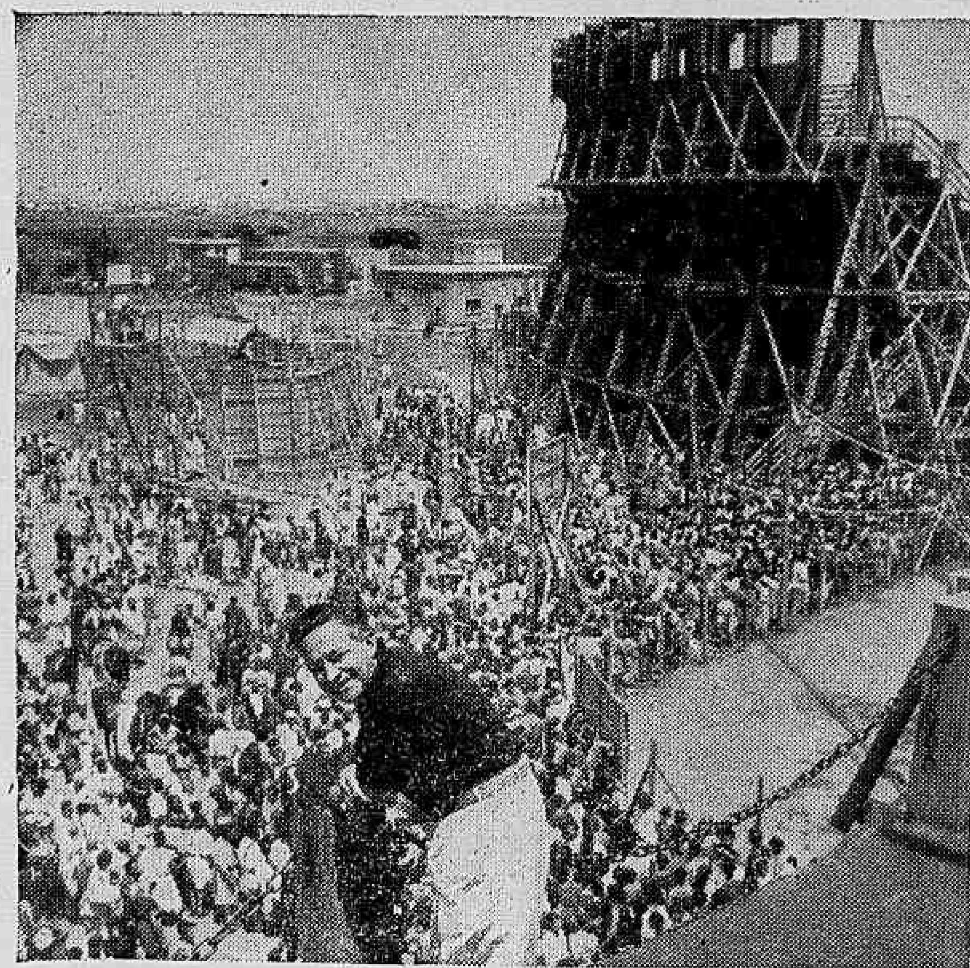


De Culver City, Califórnia, para Nápolis e dali para Roma Cinecittá... Tal foi o trajeto das caixas de material elétrico com 250 toneladas de material...

★

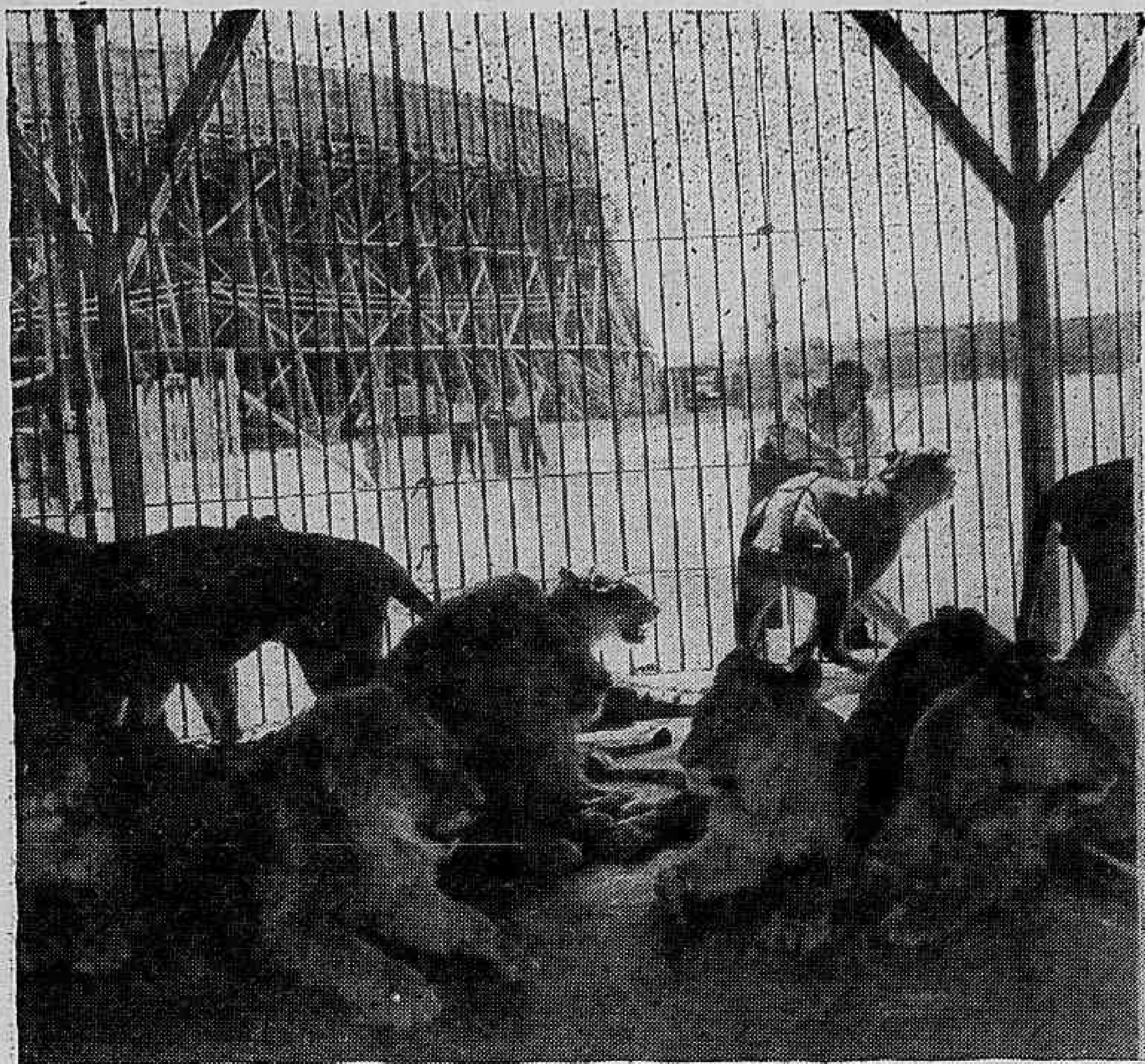
Em baixo, Michel, conhecido costureiro de Hollywood, encarregou-se do desenho da maior parte do guarda-roupa



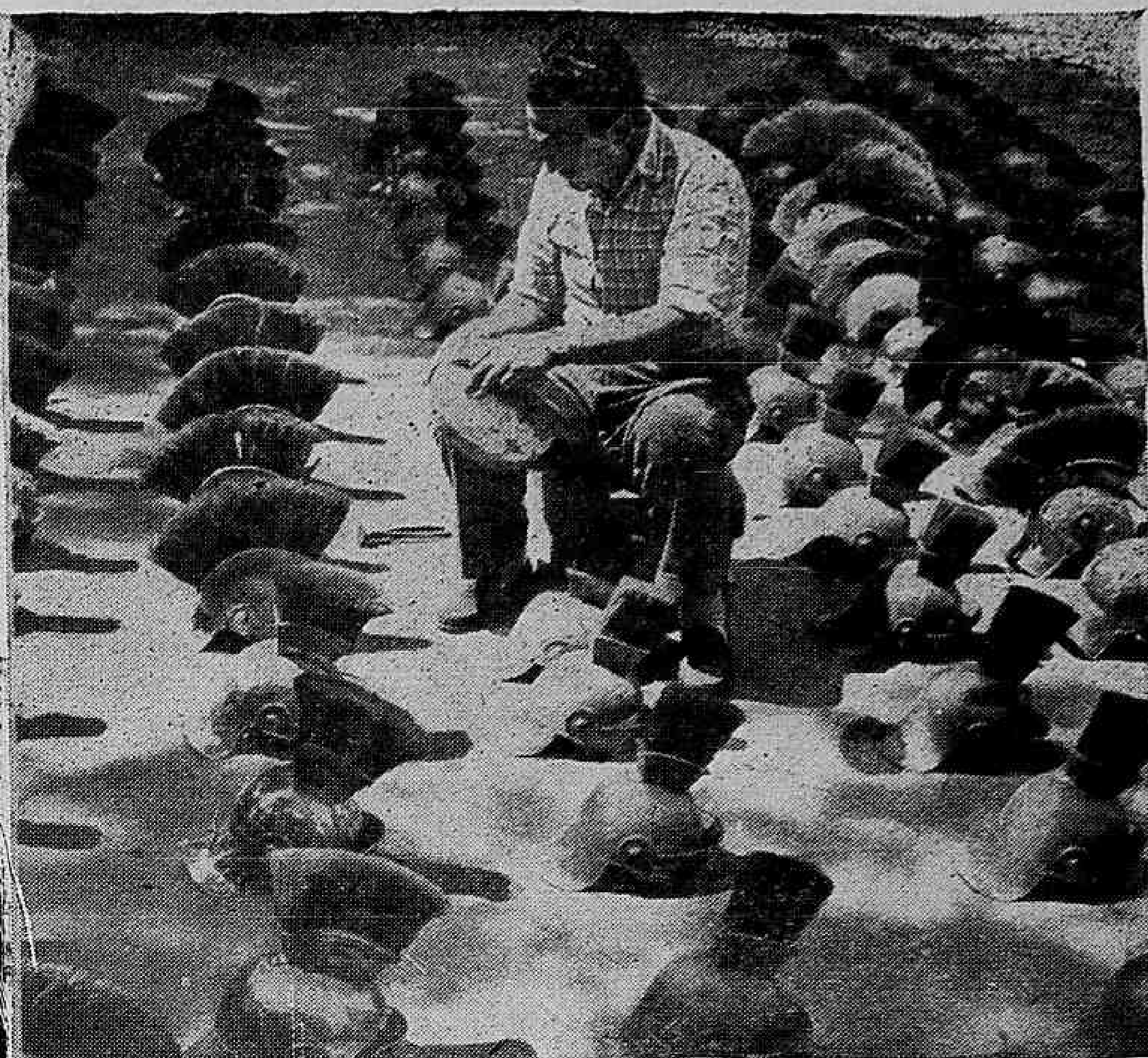


Mervyn Le Roy, o diretor, não ficou tonto com tanta figuração...

PARECIA até brincadeira. Há doze anos andava a M.G.M. prometendo uma versão de QUO VADIS, que os saudosistas ainda hoje recordam num espetáculo de Guazzoni. Mas os anos rodavam — e nada. Está claro que a guerra atrapalhou muito os planos, porque levar a cabo um filme da envergadura dêsse, com as incertezas causadas por um conflito, etc. — seria temeridade das maiores. Mas afinal chegou o dia dos "granseñores" de Culver City pôr mãos à obra. A idéia agora era realizar o filme em Roma, ambiente ideal para a empreitada. E após várias negociações os estúdios de Cinecittá, de que tanto se orgulhava Mussolini, abriram seus portões para a muita e muita gente necessária para tornar realidade, numa versão technicolorida, a mais



Vários leões foram comprados para as principais cenas do filme e de Portugal vieram vários ferozes touros.



A êste senhor, coitado, coube a tarefa de pintar e repintar os capacetes dos legionários de Nero...

nova versão do romance de Sienkiewicz. E três anos duraram êsses trabalhos, compreendendo-se a primeira martelada dada na armação do circo de Nero até a última tomada de cena. A Robert Taylor coube ser Marcus Vinicius (o papel fôra antes prometido a Gregory Peck), e Deborah Kerr vestiu a candidez de Lígia. Para viver Nero foi escolhida uma figura cem por cento: Peter Ustinov, russo radicado na Inglaterra, a cujo teatro pertence. Leo Genn foi contratado para ser Petrônio, Patricia Laffan fantasiou-se de Pompéia. E "extras", aos milhares, foram contratados. Grandes foram os dias de Cinecittá durante os trabalhos de QUO VADIS. Por falar em "extras": Elizabeth Taylor, em plena lua-de-mel (a primeira), visitando Roma e os estúdios da Cinecittá pediu a Mervyn LeRoy permissão

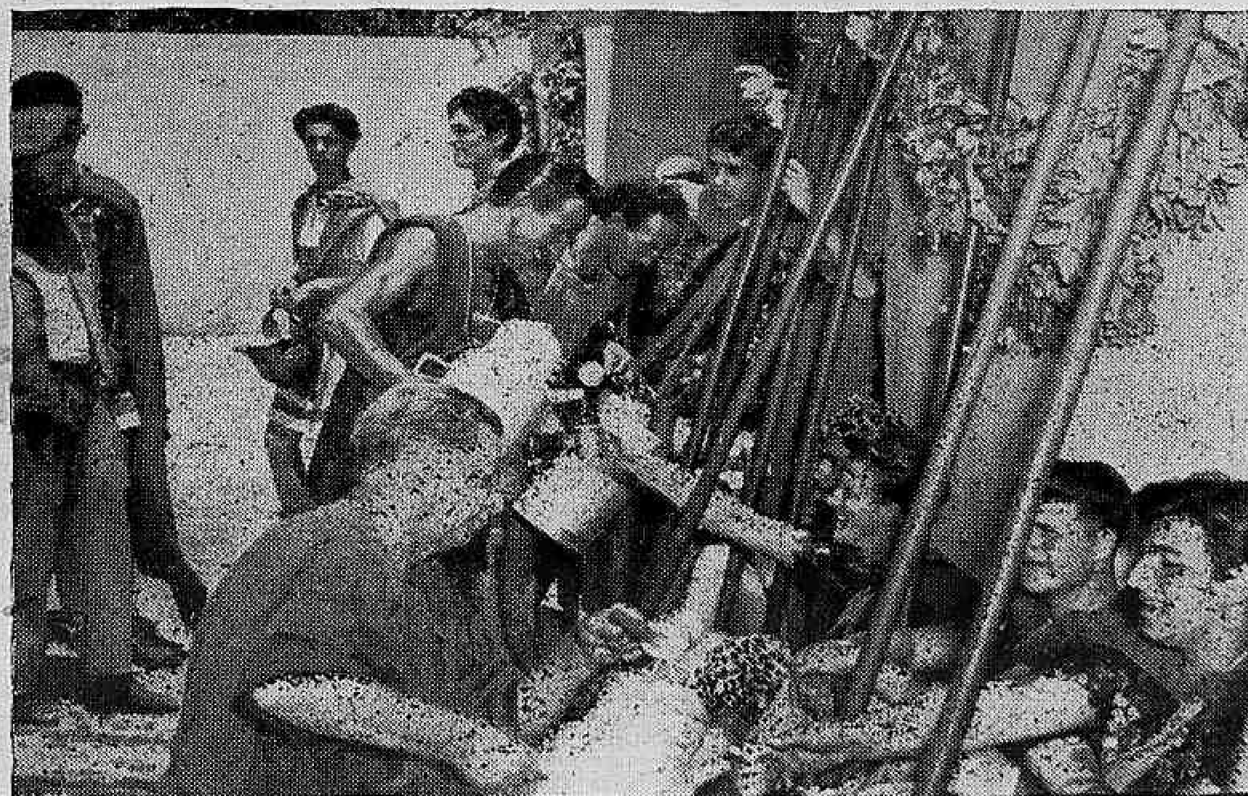
(Cont. na pág. 32)



Milos Rosza, famoso musicista húngaro, encarregou-se da partitura do filme. Quem se esqueceu de sua partitura de «Quando fala o coração»?



Trabalhando nos detalhes da sala de banquetes de Nero.



Hora do «luncheon». Os guardas de Nero bebem o bem leite de Roma



O restaurante do estúdio foi insuficiente...

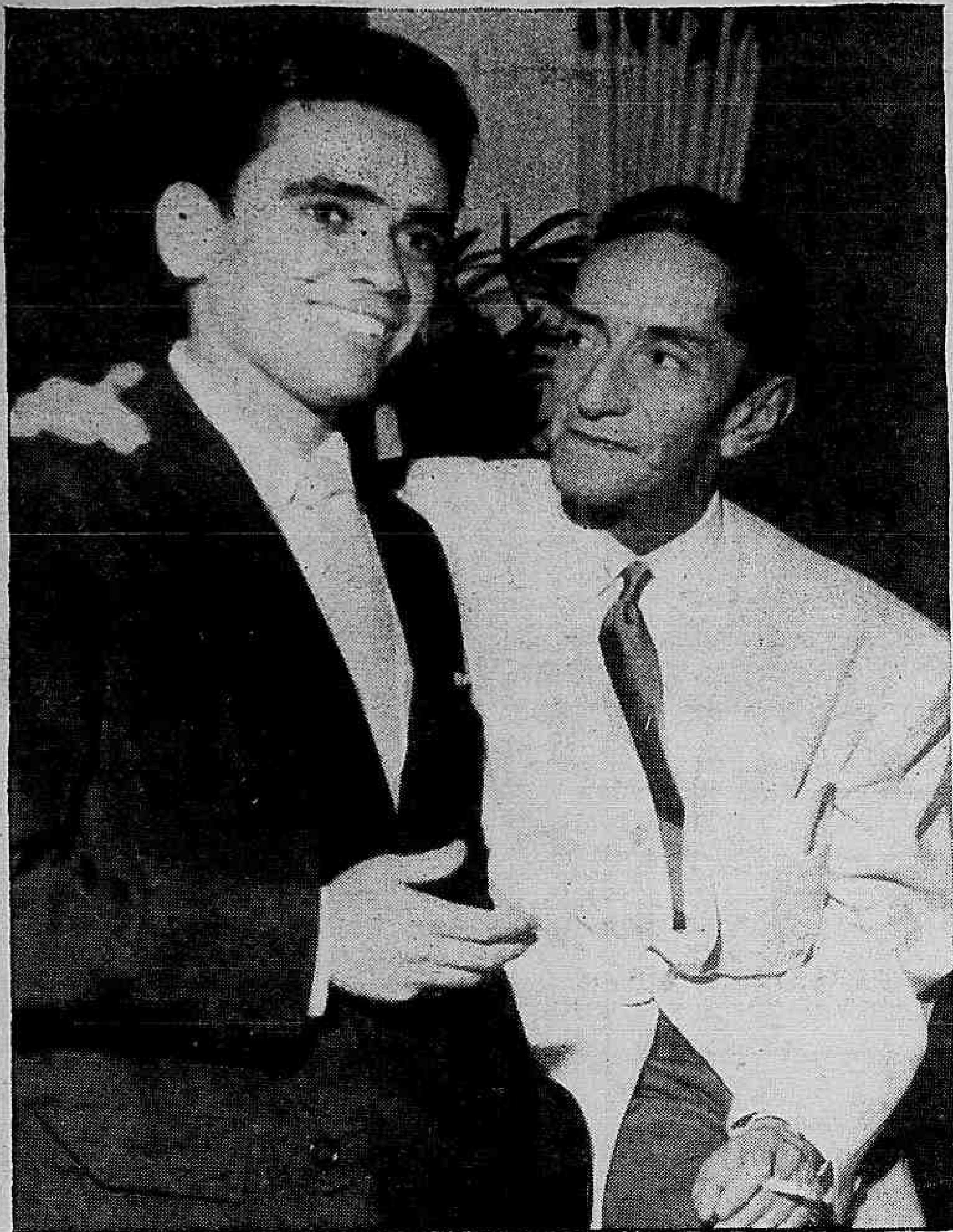
O APLAUSO PERSEGUE FRANCISCO CARLOS

Escreve MARINO NETTO

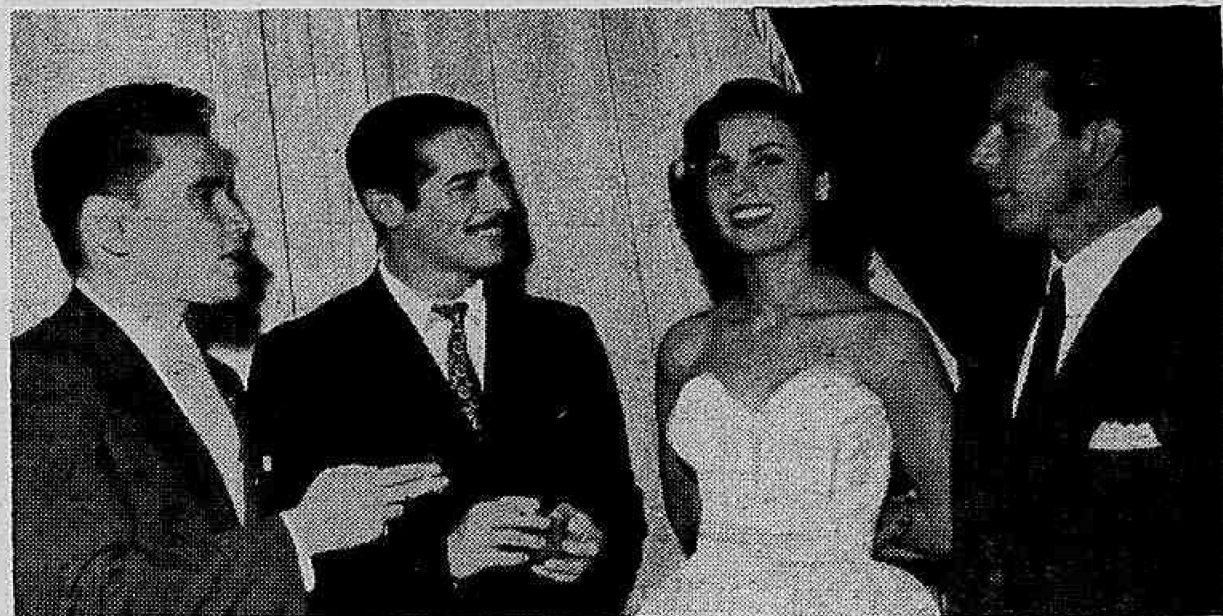
No último programa Odair Marzano anunciava e Francisco Carlos se encarregava da parte cantada. Odair, que é um galã de novelas, completa a audição que fica um coquetel de ingredientes românticos servido em haustos sôfregos pelas meninas. Focalizamos essa audição e depois fomos com Francisco Carlos até ao «550», nova «boite» onde encontramos a Agustin Lara. Reuniu-se então uma pequena turma de cartazes nacionais, internacionais e locais. Francisco Carlos, Agustin Lara, João Dias, Wilson Roberto, que voltara de vitoriosa excursão por Belo Horizonte, o compositor José Roy e o Alberto pela CENA.

Diante da jovialidade de Francisco Carlos, Agustin Lara, em geral «sêco e telegráfico nas suas conversas», tornou-se expansivo, comunicativo e entrou «A platicar» com alegria. Francisco Carlos e Agustin falaram naturalmente

(Cont. na pág. 33)



O novato e o veterano, encontram-se no cartaz



Francisco Carlos, João Dias batendo caixa de fósforos e Consuelo e Marco Antônio, «crooners» da orquestra de Agustin, ouvem para aprender o samba.

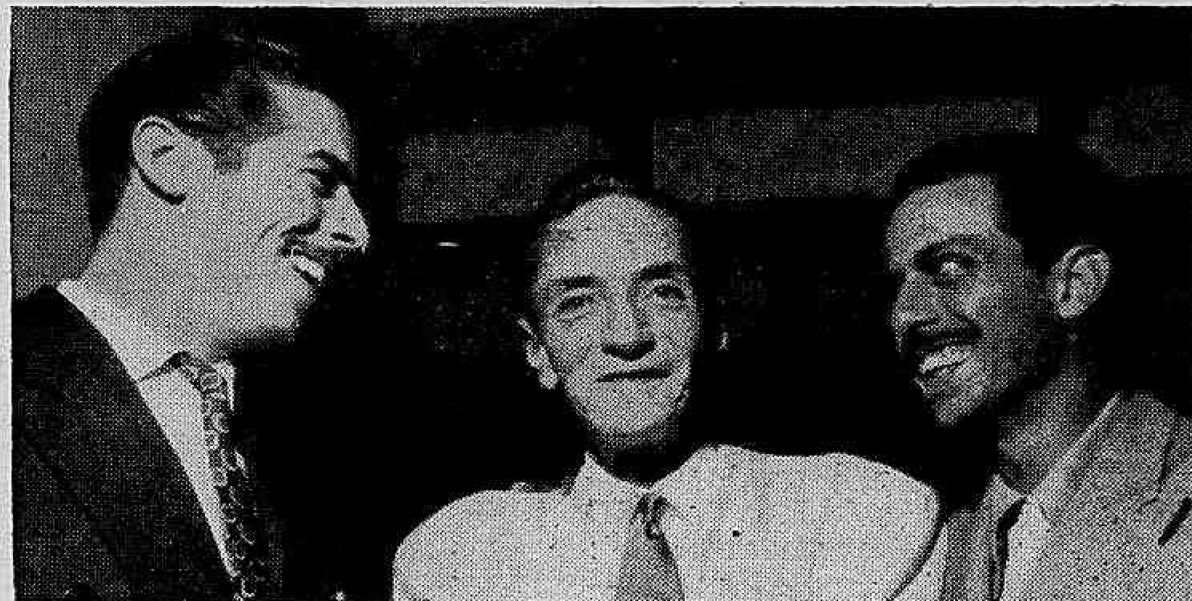


SENSAÇÃO, às quartas e quintas, no seio das meninas em flor, porque nesses dias da semana vai ao ar, pela Rádio Excelsior-Nacional, a voz do cantor que fêz contrato de exclusividade com a preferência dos brotinhos de todo o Brasil, essas encantadoras e deliciosas afirmações da capacidade artística da natureza.

Francisco Carlos não só vem mantendo galhardamente seu cartaz, como vem colocando uma dose de fermento no seu prestígio junto às fãs, prestígio que dessa maneira cresce desmesuradamente, impulsionado pelo catalizador da sua voz, e sua aparência de «Enfant Gaté».

A proximidade entre os estúdios da PRG-9 e o Instituto Caetano de Campos, onde magníficos rebentos de nossa juventude feminina preparam-se para o nobre mister de ensinar as primeiras letras às gerações futuras, essa proximidade faz com que o cantor e as normalistas, freqüentemente se encontrem e então explosões atômicas de entusiasmo sacodem a Rua Barão de Itapetininga, a rua 24 de Maio, ou a Avenida Ipiranga. E' um «Deus nos acuda» cada vez que elas o avistam por ali.

Não há mais dúvida, êle fêz contrato de exclusividade com a preferência das «debutantes».



João Dias e Wilson Roberto dão um pouco de alegria ao autor de «Maria Bonita»



Odair Marzano, como narrador romântico nas audições Francisco Carlos



Francisco Carlos ouvindo a gravação de seu programa e contando palmas...

Jazz em Cena

(De RAMALHO NETO)

"NOTICIAMOS EM PRIMEIRA MÃO PARA TODO O BRASIL A VINDA DO FAMOSO CONJUNTO "THE KING COLE TRIO" AO NOSSO PAÍS, AINDA ÊSTE ANO".

A exemplo do trombonista Tommy Dorsey, teremos ainda êste ano em uma de nossas "boites" o famoso conjunto "The King Cole Trio" mundialmente conhecido através de suas gravações para a Capitol. Podemos adiantar que as negociações já estão quase concluidas. Como os leitores sabem, Nat Cole dissolveu o seu trio, passando a atuar sòzinho, mas o mesmo será reorganizado para a sua visita ao Brasil e possívelmente a outros países da América do Sul. Futuramente entraremos em maiores detalhes. Um arrojado empreendimento de nossos empresários sem dúvida.



Esta é a fachada do «Bob City», o centro do Jazz nos Estados Unidos

SEJAM BENVINDAS

O leitor que pousar a vista nesta secção por alguns instantes que sejam, terá por certo algum interêsse pelo Jazz, e êste leitor está de parabéns, de parabéns porque os bons tempos estão voltando. Os velhos admiradores dêste gênero musical por certo ficarão exultando e os novos terão o seu interêsse despertado. Os colecionadores dos discos de Jazz, devem estar lembrados dos bons tempos de antes da última grande guerra, por perto de 1938, da facilidade com que encontravamos nas casas do ramo, discos de Jazz, do mais puro Jazz: Louis Armstrong, Charlie Christián, Bunny Berigan e muitos outros, desfilavam em nossas prateleiras com a facilidade com que hoje encontramos um disco de Guy Lombardo, Freddy Martin e outros "quadrados". Veio a guerra, e com ela uma completa ausência de importação, tanto de discos como de matrizes. Os discófilos àvidos de novidades, disputavam um ou outro disco que aparecia trazido por alguém dos Estados Unidos, com verdadeiro fanatísmo. Estes, alcançavam muitas vêzes preços exorbitantes, formou-se um verdadeiro mercado negro dos discos de Jazz.

1946 — Embora a guerra tivesse terminado, os discos de música americana continuavam em falta no mercado. Algum tempo depois apareceram os primeiros "Long-Playings", trazidos por aviadores de companhias particulares que com certa facilidade os adquiriam nos Estados Unidos, por preço as vêzes inferiores a um décimo dos que eram alcançados em nosso país. Alguns chegaram a atingir Cr$ 500,00, um absurdo!!!


FRANK DURANTE UM INTERVALO DE GRAVAÇÃO
«— Alô! E' Ava, como vai meu bem, aqui é Sinatra.»

Mas as coisas foram melhorando. Surgiram então as primeiras matrizes de Jazz prensadas no Brasil. A Sinter fabricante dos discos Capitol, começou a lançar gravações de King Cole Trio, Stan Kenton e outros. A Odeon inteligentemente assinou contrato com a etiqueta MGM para que a mesma fôsse lançada em nosso mercado por intermédio de sua fábrica, por outro lado a MGM acabou com aquela errônea idéia de sòmente gravar com artistas dos filmes da Metro, dando margem para que músicos e cantores de renome como Woody Herman, Billy Eckstine, Buddy DeFranco, Sarah Vaughan e muitos outros gravassem verdadeiras jóias no gênero nesta etiqueta. Apoiando o reerguimento da música americana em nosso país, apareceram diversos "Fan-Clubs" (Atualmente paralisados, o que lamentamos) que reuniam em suas sedes os afecionados do Jazz, para "jam-sessions", comentários sôbre os últimos sucessos, alegres reuniões dansantes e "shows" que eram exibidos em clubes da cidade, tão bem montados que poderiam fazer frente a muitos de nossos teatros de revistas. A Columbia passou a tratar com mais carinho o seu suplemento americano lançando em nossas casas de discos os últimos sucessos de New York, com uma regularidade de pasmar. A Continental vendo a fôrça que a música Yankee possuia entre os discófilos, assinou contrato com a Mercury, uma das melhores fúbricas dos Estados Unidos em música popular, lançando as gravações do notável Frankie Laine durante alguns meses, para depois parar. Não sabemos o motivo porque a fábrica do Braguinha não lança gravações de Vic Damone, Illinois Jaquette, Jazz at the Philharmonic e muitos outros artistas que gravam em sêlo Mercury. Mas soubemos que outras fábricas como a Capitol, R. C. A. Victor, Columbia e MGM têm encomendadas matrizes, do que de melhor existe em Jazz, para serem prensadas no Brasil.

Que venham, pois nós as receberemos de braços abertos.

N O T A S

As matrizes e os contratos dos artistas que gravavam para a etiqueta "Discovery" de Hollywood, estão sendo negociadas com outras fábricas, pois esta vai encerrar as suas atividades.

★

O conhecido conjunto de Bill Coleman terá suas gravações lançadas no Brasil em sêlo "Phillips", que será distribuida em nosso país pela Odeon.

★

O maior sucesso do momento dos Estados Unidos é o cantor da Columbia Johnny Ray com a melodia "Cry". Um verdadeiro "best-seller".

★

A nova cantora de Stan Kenton, Jerry Winters, estreou com a orquestra em 25 de fevereiro passado na boite Oásis de Hollywood.

★

Esta é a composição da orquestra de Ray Anthony, considerada como a melhor dos Estados Unidos: Pistons, Chris Griffin, Jack Laubach, Marty White, Bernie Brookert, Dean Henkel e Ray Anthony — Trombones, Tom Oblak, Dick Reynolds, Eddie Butterfield e Kenny Trimble — Saxes, Ed Bergman, Jimmy Snyder, Bob Hardaway, Dll Usselton e Leo Anthony — Ritmo: Bud Savarese, piano — Danny Gregus, guitarra — Bill Cronk, contra-baixo e Archie Friedman bateria.

(Cont. na pág. 31)


Charlie Parker, o melhor Alto de 1952



Mary pertence a um grupo de cantoras que sentem a melodia e as palavras quando canta um samba-canção.

Quando

(De RAMALHO NETO)

— Bem — disse Mary — vou começar por onde tôdas as entrevistas em geral começam: Nasci na cidade de Santos, Estado de São Paulo. Apresentei-me em rádio pela primeira vez, ainda muito criança, no programa "Dindinha Sinhá" da Rádio Clube de Santos. Continuei a cantar em programas infantis e com 15 anos apareci ao microfone na emissora paulista Tupi.
sora paulista Tupi.

— E como você veio para o Rio?

— Atendendo a uma proposta do Copacabana Palace, vim apresentar-me como bailarina clássica. Logo após fui contratada por uma companhia teatral. Depois fiz diversos filmes, entre os quais: "Não adianta chorar", ao lado do incrível Oscarito, "Vidas Solitárias" filme pelo qual fui distinguida com um "Oscar", o primeiro a ser entregue a um artista do nosso cinema, oferecido pela "Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos". Finalmente, os celulóides "Fantásma por acaso" e "Asas do Brasil".

Mary Gonçalves possui um palminho de rosto estonteante e uma voz que cativa. Seu estílo é pessoal. Mary entrou para o rádio numa ocasião em que pensavamos que nada mais poderia ser feito em matéria de interpretação de sambas, não havia novidade a ser criada, mas Mary surpreendeu a todos com a sua graça, o seu modo de dizer as palavras mais românticas e malicio-

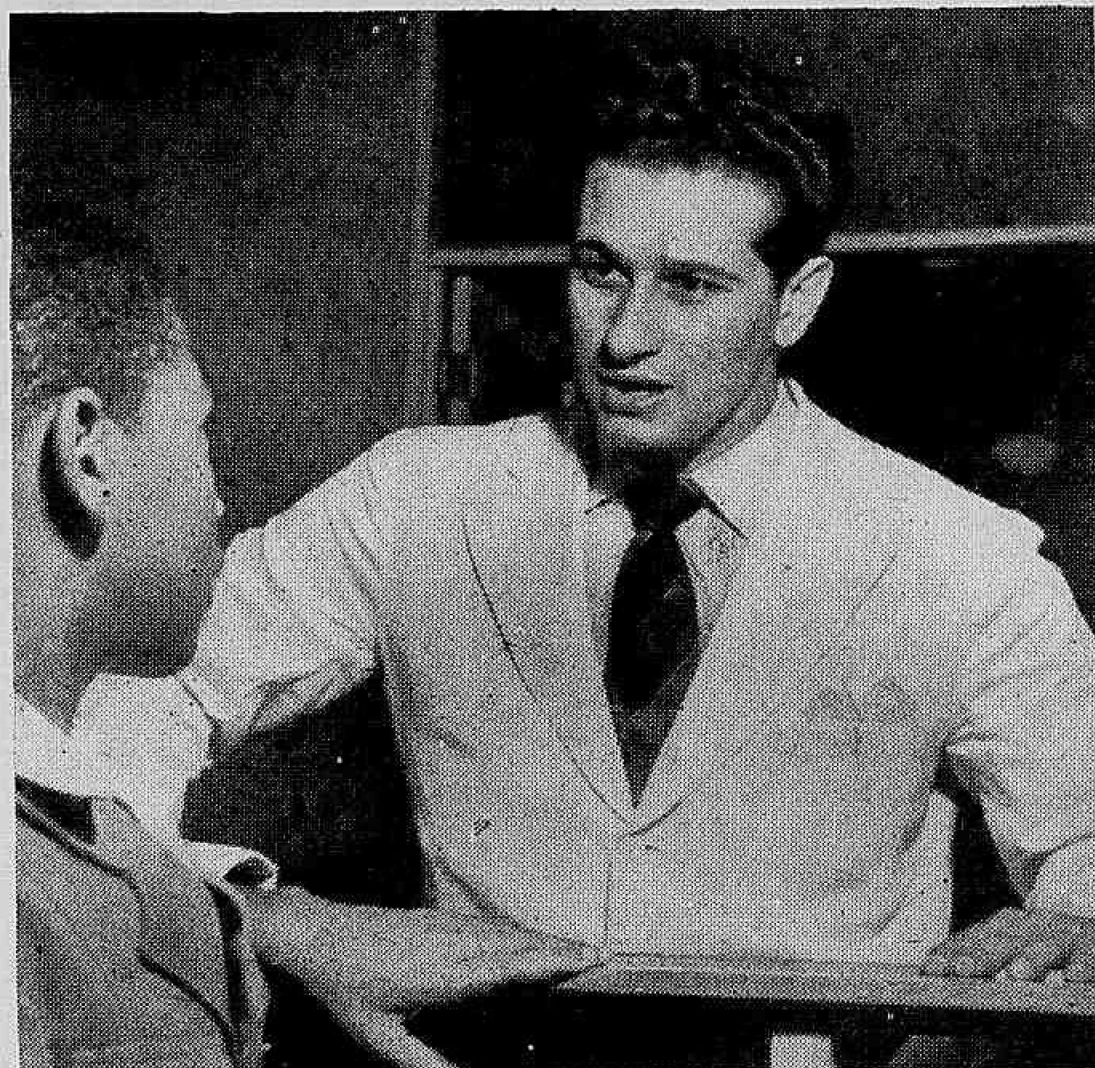
Mary Gonçalves é uma jovem de apenas 23 anos, possuidora de um temperamento alegre, comunicativo e excessivamente romântico. Reside em um confortável apartamento de Copacabana, bairro preferido pelos artistas de rádio, cinema e teatro.

Fomos até a Rádio Club, e lá encontramos Mary ensaiando para um de seus programas. Não foi preciso que dissesemos a nossa intenção, convidou-nos à ir até a sala de ensáios do rádio-teatro, onde poderiamos conversar sem sermos interrompidos com pedidos de autógrafos...





Com os bailarinos da orquestra «Lecuona Boys»



— «Mas a Mary não estêve aqui? Pois ela marcou comigo» — pergunta Bill ao garôto na portaria dos escritórios da editôra de discos

Vai casar?

sas de uma música brasileira. Pode-se dizer que Mary não canta, ela murmura a letra das canções com tal graça e suavidade que nos dá a impressão de exclusividade. Parece que é sòmente para nós que ela está cantando.

— Conte-nos um pouco de sua visita aos Estados Unidos — pedimos à Mary.

— Tive uma das maiores emoções de minha carreira, que naquela época ainda estava no princípio, quando fui convidada de honra de um programa de televisão da CBS em que tomaram parte Dinah Shore, Perry Como e Doris Day de quem sou grande admiradora.

— Tenho recebido diversas propostas para ir trabalhar no Cinema e também algumas para voltar a atuar no rádio paulista — continuou Mary — mas como tôda paulistinha que vem ao Rio, fiquei enamorada da Cidade Maravilhosa, embora goste muito de São Paulo, não quero voltar.

— E quanto ao seu noivado com o cantor Bill Farr da Rádio Nacional, como começou?

— Começou como começaria qualquer outro. Um encontro casual, outro encontro proposital, trocas de idéias e idéias, tudo teve início quase sem sentir, quando demos pela coisa já estavamos irremediàvelmente apaixonados.

— E para quando é o "casório" — perguntamos.

— Não temos nenhum plano por enquanto. Afinal ainda somos muito jovens para pensar em coisas sérias. Temos primeiro que consolidar a nossa posição no rádio, o nosso prestígio junto aos fãs, depois então...

Como os leitores sabem, Mary venceu o último concurso patrocinado pela Associação Brasileira de Rádio, para a escolha da "Rainha do Rádio de 1952", competindo com cartazes como Carmélia Alves, Hebe Camargo, Adelaide Chiozzo, Doris Monteiro e muitas outras. Êste concurso teve pleno êxito tanto artístico como financeiro, pois rendeu à ABR nada menos que dois milhões e 200 mil cruzeiros. O prêmio de Mary, além do reinado a que tem direito durante todo êste ano, a admiração e o respeito de seus suditos, um bonito carro "Jaguar", último tipo, o qual ela dirige com orgulho.

— Vocês querem ouvir um pedacinho do samba-romântico de Haroldo Eiras, "Você se lembra?" que será a minha próxima gravação em disco Sinter?

Como respondemos que sim, Mary principiou:

"Você se lembra?
Daquele beijo meu?
A meia luz
Dado nos lábios teus
E da saudade que você prometeu?
Eu sei
Que você se lembra e eu...
Em nosso ninho de amor
Ninguém penetrar ousou
Enquanto a beleza do sonho durou
Será que?
Você se lembra
Daquele amor então?
Você se lembra

(Cont. na pág. 34)



Carlos Augusto, uma revelação de 1952, Mary e seu noivo Bill Farr



Mary numa viagem do «Trem da Alegria».



Brasil e México... Mary e Ana Maria Gonzalez.

Vivien Leigh e o destino...



O destino cinematográfico de Vivien Leigh tem sido dos mais risonhos. Artista aristocrata, dessas que os estúdios sòmente incluem nos filmes de maior responsabilidade, Vivien Leigh legou ao Cinema inolvidáveis interpretações.

Primeiro, foi "E o Ventou levou ", famosa película onde Vivien Leigh era a arrebatada Scarlet O'Hara. Agora em "Uma Rua Chamada Pecado" (Streetcar Named Desire) ela é a frívola e romântica Blanche, mulher que encontra um amor proibido no ocaso da vida.

Vivien Leigh nasceu em Darjeeling, Índia, (vocês nem imaginavam isso, não é verdade?) num dia cinco de novembro, perto dos Himalaias. Seu pai era um corredor de origem francesa, e sua mãe, nasceu na Irlanda. Essa, talvez, a razão da beleza cativante de Vivien Leigh com sua pele rosada constratando com seus lindos olhos verdes. Uma figura de mulher delicada, porém vibrante e apaixonada quando é preciso.

A vida artística de Vivien tem estado ligada à de seu espôso, ator Laurence Olivier, destacada figura do cinema e do teatro europeus. Na Inglaterra, Vivien e Laurence Oliver apresentam ao público obras famosas e entre elas "Romeu e Julieta" avulta como grande criação dos dois queridos artistas. San Francisco e Nova York aplaudiram Vivien no papel de Julieta tributando-lhe tôdas as homenagens que merecia por ser uma atriz tão talentosa.

Vivien estudou num convento francês na Itália, indo mais tarde para a Cidade Luz, Paris, ingressar na Academia de Mlle. Manileve, sob a direção de uma atriz da Comédia Francesa. Vivien atuou em obras de Vitor Hugo e logo se foi para a Bavária, aprendendo sempre. Quando se graduou seguiu para a Irlanda e aos 19 anos casou-se com Leigh Holman, um proeminente advogado.

Este seu retrato é dos tempos de «A Ponte de Waterloo», que foi outro filme de sorte para Vivien...



O amor por algum tempo perturbou sua vocação pelo teatro de onde se passou para o cinema, sem abandoná-lo contudo. Obteve seu primeiro triunfo ao lado de Laurence Oliver, com quem veio a se casar mais tarde, em 1940, na Califórnia.

Seus filmes mais famosos ùltimamente foram "A Ponte de Waterloo" e "Lady Hamilton", ambos apresentando-a como excepcional intérprete.

Declarada a segunda guerra mundial deixou Hollywood e foi para Londres com seu espôso. Oliver ingressou na Fôrça Aérea Britânica enquanto Vivien continuava no teatro e durante um ano os inglêses aplaudiram-na na peça "The Doctor's Dilemma".

Mas o cinema haveria de reclamar sua presença mais uma vez e ela foi ser a "estrêla" da obra "César e Cleopatra", com Claude Rains. Mais uma vez mostrou-se talentosa conquistando seu filme as galas de um sucesso no mundo inteiro.

Logo depois interpretou "Anna Karenina", extraído da obra de Tolstoi.

O destino haveria de ser camarada mais uma vez e voltando a Hollywood, a Warner contratou-a para "Uma Rua Chamada Pecado" (Streetcar Named Desire), extraordinário triunfo nos palcos da Broadway, e obra famosa de Tenensssee Williams.

E' até agora o seu único trabalho nos estúdios de Burbank, o mais importante e inesquecível. Dificilmente Vivien Leigh será ofuscada por outra atriz no papel de Blanche. A Blanche que ela criou parece ter sido da própria imaginação de Tennessee Williams, com tôdas as marcações exatas, destinadas a uma interpretação perfeita.

Em 1952 recebeu a maior glória de sua carreira, ganhando o "Oscar" da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, como "melhor atriz", o que por certo ratifica tudo que dissemos linhas acima.

Tanto Vivien Leigh como seu espôso Laurence Oliver, adoram Hollywood e aos seus amigos mais íntimos têm confessado que desejariam viver durante longo tempo nesse pequeno paraíso da arte cinematográfica.

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS

1 — Trever
4 — Azteca
8 — Ais
10 — Rel
11 — Raca
13 — Kef
15 — Amor
17 — Não
19 — Cases
20 — Oto
22 — Farel
24 — Dae
26 — Nit
28 — Selva
29 — Ninon
31 — Avo
33 — Ada
36 — Armeu
39 — Pá
40 — Cam
42 — Aatas
43 — Nar
44 — Alan
46 — Ori
47 — Caim
48 — Roa
49 — Ais
50 — Aladim
51 — Agaton

VERTICAIS

1 — Turner
2 — Eacc
3 — Via
5 — Toa
6 — Elmo
7 — Aurora
9 — Cesar
12 — Aar
13 — Kaf
14 — Fer
16 — Otc
19 — Sonia
21 — Dalva
23 — Linda
24 — Déa
25 — Evora
27 — Tea
30 — Tocaia
32 — Metro
34 — Carmem
35 — Sal
37 — Mão
38 — Uai
39 — Pai
41 — Mara
43 — Nast
45 — Ned
47 — Eia
49 — Ag

NINON SEVILLA...

(Cont. da pág. 13)

casar-se com um brasileiro... E a artista que nunca foi beijada na tela, terminou:

"Desde que cheguei ao Brasil, me chamam de senhora. No começo não achei nada de mal... Agora já estou ficando um bocadinho aborrecida. Todos pensam que eu sou uma senhora casada. Sou solteira. Solteirissima. Jamais casei-me. Não tenho marido. Calderon, que me acompanha, é o produtor de meus filmes. Um grande amigo. Só isso. Juro pela Virgem de Guadalupe que sou solteira. Aguardo ainda um príncipe encantado... que está demorando a chegar. Mas eu não pretendo me casar. Já tive um amor, um caso sério, na minha vida sentimental. Mas preferi continuar solteira. Quero fazer uma carreira artística. No dia que casar quero ter filhos. E quando tiver filhos, vou cuidar dêles. O meu casamento marcará, inexoràvelmente, o fim de minha carreira.

JAZZ EM CENA

(Cont. da pág. 27)

Os negros do sul de Chicago, realizavam mensalmente uma festa destinada a angariar dinheiro para o pagamento do aluguel das casas em que moravam. Esta festa era animada por um único instrumento, o piano, e por falta de recursos técnicos, os executantes tinham que se empregar a fundo para serem ouvidos por tôda a assistência. A essas reuniões êles davam o nome de "Pitchin boogie" que mais tarde originou o nome de "boogie-woogie" dado a essa classe de música pianística.

RECOMENDAMOS PARA O SEU "PICK-UP"

BUDDY DEFRANCO — Swing Low, Sweet Clarinet e Will You Still Be Mine? (MGM-USA).

ROY ELDRIDGE — Remember Harlem e Basin Street (MERCURY-USA).

THE FOUR KNIGHTS — It's no e The Glori of Love (CAPITOL-Brasil).

ELLA FITZGERALD — Rough Ridin' e I don't want to take a chance (DECCA-USA).
ZIGGY ELMAN — Body and soul e Tea for two (MGM-Brasil).

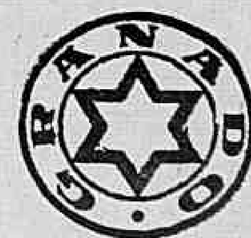
LENNIE TRISTANO — Ju-Ju e Pastime (JAZZ-USA).

THE VOICE OF WALTER SCHUMANN — "Holyday for strings" de David Rose e Sammy Gallop com The Voices of Walter Schumann, recebe um tratamento todo especial nesta gravação. Êste novo grupo vocal da Capital é qualquer coisa de extraordinário. A armonização vocal do mesmo é admirável, sobressaindo as vêzes dos sopranos. Êste côro deu um novo colorido a esta bela melodia. O grupo está apoiado por uma excelente orquestra de cordas. No outro lado temos "Fools Rush in" de Rube Bloon e Johnny Mercer. Êste lado é interpretado de um modo diferente, porquanto a música é levada em um tempo mais acelerado. Destacamos nesta face um maravilhoso solo de sax por Eddie Miller. Esta é uma gravação que não faltará na discoteca de um amante do gênero de música suave.

TEX BENEKE — "My love and my mule" de Arlen e Fields e "Palladium Patrol" formam os lados do primeiro disco de Tex Beneke lançado em etiqueta MGM no Brasil. Notamos uma grande diferença na orquestra do ex-sax de Glenn Miller. Está com mais vida, seus músicos estão mais bem entrosados.

"My love and my mule" é o melhor lado do disco, muito bem vocalizado por Tex Beneke que é assistido por um conjunto vocal bem interessante. Êste lado deve agradar muito aos fãs do gênero "Cow-boy". Na outra face é um instrumental no estílo de "Comando Patrol" de Glenn Miller. Um bom disco.




GINOSEDOL


JOÃO FREY

HISTÓRIA DE UMA INFAMIA

(Cont. da pág. 15)

mant, havia se enamorado de Luciano Labroue, sente êste o motivo pelo qual seu pai se enfureceu, já que não desconhece que o jovem engenheiro é o filho do homem que êle assassinara tão barbaramente. Êle trata inútilmente de dissuadir sua filha porém, muitos e muitos dias após êle cede a fim de não contrariá-la, uma vez que sua saúde é bastante delicada e qualquer desgosto poderia ser-lhe fatal. Luciano casar-se-á com Maria e, para conseguir sua finalidade o criminoso não duvidará um instante no intento de assassinar Lúcia, para que o amor de Luciano por ela (Lúcia) não torne um obstáculo na fatalidade de sua filha. Porém, afortunadamente Lúcia consegue se livrar do atentado. Ai então, Harmant confessa a Luciano que a jovem por quem está apaixonado não é outra senão a filha da mulher condenada pelo assassinato de seu pai. Ocasionadamente, esta revelação serve para que o jovem aumente o seu desejo de encontrar a verdade sôbre o drama passado. No entanto, Giovanna Fortier consegue encontrar sua filha e sem revelar sua verdadeira identidade torna-se amiga da moça. Quando Pablo Harmant toma conhecimento do fato, faz todos os esforços para assassinar a desgraçada Giovanna Fortier.

Todos êstes engenhos de nada servem para salvar o criminoso. Pouco a pouco vai fechando o círculo em seu redor e por fim é desmascarado. Quando Maria conhece o verdadeiro caráter de seu pai, quando vê que sua mente é cheia de pontos obscuros e maldades, tem um ataque de nervos e morre de repente pela grande emoção sofrida.

Finalmente Giovanna Fortier é restabelecida e adquire o direito de viver ao lado dos filhos, ao passo que Jaime Garrault expiará seus inúmeros delitos no cárcere.

SEMANA DO RÁDIO

(Cont. da pág. 21)

sentação de valores da música erudita e folclórica, que ali encontram um apoio e um incentivo dignos de todos os elogios.

★

Araci de Almeida, a intérprete do saudoso cronista sonoro da cidade, Noel Rosa, acaba de se transferir para o microfone da Nacional. Apresentada por César de Alencar, em seu ruidoso e prestigioso programa, mandou logo seu cartão de visita, cantando um samba de Noel. César, com seu eterno espírito brincalhão, contou alguns casos engraçados da vida de Araci de Almeida, e ela própria achou graça na narrativa do César. Parece que Araci cantará também em outros microfones, na Nacional de São Paulo e no Rádio Clube.

A CENA MUDA

(Cont. da pág. 4)

grid quer que Pia fique com ela algum tempo, na capital italiana. Daí a disputa pelos tribunais.

Foi assim que, durante os debates, o ex-marido da estrêla sueca, apresentou a carta que Ingrid lhe escreveu, da Itália, depois de se haver apaixonado perdidamente pelo diretor italiano.



Quem a acusar que atire a primeira pedra.

★

As primeiras inscrições já foram recebidas para o VI Festival Internacional de Filmes de Edimburgo, o qual será realizado de 17 de agôsto a 7 de setembro, concomitantemente com o Festival de Música e Teatro. Foram inscritos filmes da Austrália, Canadá, Estados Unidos e Índia e perguntas recebidas de muitos dos 28 países representados no festival do ano passado.

O Festival de Filmes de Edimburgo tornou-se um centro de atração para o interêsse mundial em filmes realistas, documentários e experimentais.

★

A atriz teatral americana Jessie Royce Landis está fazendo o seu primeiro filme britânico. Desempenha o papel de uma americana que possui uma mansão no sul da França em «Ways and Means», uma das três histórias de Noel Coward, que compõem «Meet me Tonight», agora em produção em Pinewood, Inglaterra.

★

Orson Welles acha-se na Grã-Bretanha para desempenhar o papel de Sigsbee Manderson, na produção de Herbert Wilcox do policial clássico de E. C. Bentley, «Trent's Last Case». Margaret Lockwood desempenha Mrs. Manderson e Michael Wilding é o detective, Philip Trent.

★

..EM PORTUGAL

encontra-se prestes a ser concluído o filme de curta metragem «Alentejo não tem sombra», subsidiado oportunamente pelo Fundo do Cinema Nacional.

O filme, cujo título se baseia no de uma poesia do poeta da nova geração Azinhal Abelho, que com o escritor Orlando Vitorino é um dos seus autores, vai-nos apresentar a grande província portuguêsa do Sul do País em imagens de invulgar beleza plástica e de belo sentido poético.

O operador Aquilino Mendes, hoje uma das mais destacadas figuras dentro do setor técnico que cultiva, é o responsável pela fotografia.

OUTRA NOITE DE BALLET

(Cont. da pág. 22)

o príncipe encantador, não parecia lá muito encantado, preocupado em segurar a princesa e transmitindo um pouco de seu embaraço. Berta Rozanova, Cirley Franca e Beatriz Consuelo dançaram bem como sempre, a última com um impecável *équilibre en attitude* para me desmentir... Os bailados brasileiros de Veltchek ganham muito vistos pela segunda vez — embora "Sinhô do Bonfim" não ganhe mais dança com isso, continuando antes uma representação "dançada". Em "Papagaio do Moleque", salvo alguns movimentos no início (como a elevação do moleque pelos companheiros) a coreografia é de encantadora originalidade. O colorido dos trajes contrastando com o cenário em silhueta, Denis Grey tão bem em tipo e dança, Beatriz Consuelo no papagaio verde, continuam pontos altos, mas todos os elementos dançam com bom efeito.

"D. Quixote" teve momentos superiores e inferiores à noite da estréia. Se há coisa que me agrade na dança de Leskova é a velocidade de suas piruêtas, em geral tão bem controladas. Desta vez, nem sempre. Os "fouettés" começaram com brilhnatismo, mas a terminação também não foi feliz. Arthur Ferreira apresentou "performance" muito superior à primeira e, sinceramente, só notei uma piruêta que não estêve à altura da boa qualidade de tôda sua dança. E' muito agradável poder concordar com os elogios dos críticos sôbre êste artista, cuja carreira acompanho desde 1946.

Tenho ouvido críticas tão agressivas sôbre a montagem dêste "D. Quixote", especialmente o uso do leque na variação de Leskova, com perguntas e respostas tão disparatadas, que o melhor é transcrever uma crítica de Ann Barzel sôbre um recital de Nana Gollner em Chicago:

"O "pas de deux" de "D. Quixote" foi especialmente atraente. Na variação feminina, Gollner segurou um pequeno leque espanhol, como era usado originàriamente no papel, o que foi um complemento lógico a esta pequena e viva dança."

★

O velho "Príncipe Igor" também teve as suas novidades: Sima Chadrina tão empolgada pelo papel da jovem polovteziana e Júlia Rodrigues não muito oriental, mas bem segura e simpática na escrava persa. Denis Grey foi de novo o ágil guerreiro. O "corpo de baile" parecia estar se divertindo muito entre si. Dá gôsto ver figuras como Ebba Will e Gisela Gelpke, conscientes do que fazem, nem por um instante descuidando dos passos, enquanto muitos outros conversam, tropeçam ou se empurram quando deviam estar dançando... O "corpo de baile" merece sempre a maior simpatia, o seu trabalho é exigente e ingrato — diz Alexandra Danilova num recente livro de "ballet". Mas como dançou no último "Príncipe Igor", o nosso "corpo de baile" não merece simpatias, nem de Danilova... Simpatia merece a orquestra, em geral impossível para com o "ballet" nas outras noites. Mas nesta, a atenção do maestro para acompanhar os dançarinos, especialmente no "Pássaro Azul", é digna de destaque como sinal de maior compreensão ao bailado.

Concordem ou não com estas observações, uma coisa ficou provada e indiscutível — os bailarinos e o público só têm a lucrar com espetáculos mais seguidos. Quanto mais dançar, melhor e mais "dançado" será o "ballet". Por isto espero o próximo, que nos trará Tatiana Leskova de volta ao papel que dança com tanta autoridade — Aurora. Cirley com todo seu valor em destaque no "Pássaro Azul". E o "Adágio da Rosa", que Berta Rozanova dança òtimamente, com sua técnica forte, traçando uma bonita silhueta na malha e no "tutu" negro, com o elegante quarteto formado por Johnny, Aldo, David e Carijó. E depois, o novo programa: "Sílfides", "Quadros de uma Exposição" e "Salamanca do Jarau". Dizem que Leskova fêz do último um grande "ballet", muito bem vestido pelos deslumbrantes trajes de Santa Rosa.

AO SOL DE ROMA...

(Cont. da pág. 25)

para ser uma das "extras" nas abafantes cenas do incêndio de Roma. Claro que LeRoy consentiu. E Elizabeth Taylor, que muitos meses antes fôra indicada para o papel de Lígia, vestiu-se de "extra" e correu como uma louca pela Roma em chamas, enquanto Nero — Peter Ustinov — tangia a lira... E Elizabeth sentiu-se feliz, felicíssima... Um prazer como outro qualquer, senhores.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero Rumba, Swing, contendo 120 gráficos 220 passos facilitando as senhoritas e **cavalheiros a aprenderem** em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 25,00 Pedidos pelo reembôlso postal — **com o autor — Caixa Postal. 649 — São Paulo.**

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de **Música de São Paulo.**

Rotação 33...

(De R. G. DE MELLO PINTO).

ESTELINHA EGG a querida "folklorista" da Rádio Nacional gravou desta vez um samba-canção de autoria, e orguestração de Gaia, sob o sêlo R.C.A. Victor. "Não Consigo Esguecer Você".

O samba é bom. A melodia é bem feita e a letra também. Não gostamos entretanto da interpretação da Estelinha que ainda mostra não estar a vontade neste gênero que ela não está habituada a cantar. As modulações de voz que Estelinha faz ainda não é aquilo que se espera numa interpretação moderna de samba-canção.

Esta gravação R. C. A. contém chiado, não sabemos porque a Victor está também incorrendo nesta falta...



Estelinha Egg

★

"Coimbra é uma lição de amor", na voz de Ester de Abreu, de um modo geral, está boa.

Todos sabem que a melodia desta música é mundialmente conhecida, e dispensa comentários. O mesmo não ocorre com a letra que deixa bastante a desejar. Aquêle pedaço, por exemplo, que diz: "O livro é uma mulher, só passa quem guiser", é difícil de aceitar...

★

Nelson Gonçalves gravou recentemente para a fábrica Victor um samba-canção, de Luis Fraga e R. Batista; "Tudo menos carinho". A melodia é razoável, e a letra possui bons e maus momentos como aquêle "Em meu peito não encontra guarida", imagem por demais vulgar e que devia ser posta de lado pelos compositores. A orquestra vai bem. Os pequenos solos de piano e violino são executados a contento o que não nos falta nas fábricas de discos são orqestrações bem feitas.

★

Elizete Cardoso gravou "Venho de Longe" de Domerval Silva e Alberto Ribeiro em disco "Todamerica".

Melodia sem grandes momentos de sensibilidade porém bem feita e agradável.

A orquestração está suave e correta e a interpretação da Elizete como sempre é muito boa pois ela sabe cantar êste gênero de música muito bem.

A letra desta vez está até muito satisfatória sem, contudo, agradar "em cheio", pois aquêle final "o amargor que vem do amor" é forçado e vulgar. Fora desta frase, a letra agrada pois a idéia é feliz e bem descrita.

★

Estivemos outro dia na residência do nosso amigo Carlos Guinle Filho, que além de ser um ótimo Anfitrião, está fazendo umas letras para sambas bem feitinhas, e tem como parceiro-melodistas o nosso Dorival Caimi que também estava lá, e agora vem compondo uma série de melodias modernas formidáveis, que muita gente pensava que êle não soubesse fazer. Nós confessamos que nunca nos enganamos a êste respeito, pois um homem que compôs "Dóra" numa época que não se ouvia falar em novo gênero, é um verdadeiro artista, pois existe uma grande diferença entre o compositor comum e o compositor-artista. O primeiro faz porque quer vender e porque a prática o ensinou. O segundo compõe porque sente, porque nasceu assim, é uma fôrça maior do que êle. Caimi como Ari Barroso, pertencem a esta segunda classificação, e pedimos licença para não citar nomes que se enguadrem na primeira. "Sem Maria do Caimi, que Alcides Gerardi gravou sem autorização do mesmo, mas que o fêz, muito bem, é uma maravilha e totalmente moderna.

Na casa do Carlos Guinle estavam também Hugo Lima, e Dinarte Rodrigues, dois amadores que dominam os seus instrumentos (piano e guitarra respectivamente) e que possuem lindas composições ainda inéditas, algumas até de parceria com o Carlinhos que já é cantor de letras de sucesso como "Não tem solução", "Copacabana" e outros.

Aguardem os sambas da nova fase "Caimi Ana" que vocês vão adorar. O homem é realmente, o tal !

★

Frank Sinatra gravou para a Columbia "I Am A Fool To Want You". Bonita gravação, onde se sobressaem os violinos, e o côro vocal muito bem arranjado.

Sinatra, desta feita, não vai muito bem, mas não chega a comprometer a gravação.

★

Publicamos agora a letra de um samba completamente inédito mas que vocês muito irão cantar. Trata-se de "Valerá a pena?" de Hugo Lima e Carlos Guinle Filho:

"Valerá apena viver sem você
Para que passar a vida sem carinho
Quando alguém amar você sinceramente
Seguirá o seu caminho indiferente
Eu não quero perder você, nunca mais
Sem você a saudade amor, é demais

Eu que sofri e conheci
A dor de perder um amor
Não quero sofrer
Viver sem você
Amor !



Caimi

O APLAUSO PERSEGUE FRANCISCO CARLOS

(Cont. da pag. 26)

de «hits», composições de sucesso lá e aqui, e quando perceberam, o autor de Maria Bonita estava de caixa de fósforos entre os dedos ensaiando a marcação de um samba. O «back-ground» formou-se com os apartes de João Dias e Wilson Roberto, de José Roy e do Alberto.

Tudo na mais perfeita harmonia brasileiro-mexicana. E não será nada de admirar se na próxima fita da Atlântida, para a qual já se acha contratado, Francisco Carlos interpretar uma composição de Agustin Lara, com o nome «Garoa».

FUTURAS ESTRÉIAS

(Cont. da pag. 19)

"Distant Drums" (Tambares Distantes) (Warners) — Gary Cooper é chamado pelo exército e a marinha para defender um forte e combater os índios, nesta aventura nos pântanos da Flórida. Mari Aldon é a nova garôta.

"Fixed Bayonets" (Baionetas Caladas) (20th Century-Fox) — Drama sôbre a guerra na Coréia, com episódios de heroísmo e covardia, interpretados por Michael O'Shea, Richard Basehart e Gene Evans.

"The Wild North" (M.G.M.) — Drama nas selvas canadenses, com a Polícia Montada, Stewart Granger como o caçador perseguido pela lei (Wendell Corey) o inverno e os lobos famintos. Cid Charisse não dança, pois faz o papel de uma índia.

"For Men Only" (Lippert) — Produzido, dirigido e estrelado por Paul Henreid, êste drama conta uma história de perseguição e calúnia num colégio para rapazes. Margaret Fields, Vera Miles e Kathleen Hughes são os outros intérpretes.

"Flaming Feather" (Paramount) — O velho oeste com todos os seus matadores: o rancheiro Sterling Hayden, a ingênua Barbara Rush, a vampiro Arleen Whelan, os bandidos Victor Jory e Richard Arlen, o tenente Forrest Tucker, a índia Carol Thurston, etc. nas aventuras rápidas e furiosas, em Tecnicolor.

"The Firs Time" (Columbia) — Bob Cummings e Barbara Hale numa comédia sôbre as complicações de um casal, com o nascimento do primeiro filho. Como uma das sogras, reaparece a veterana Mona Barrie.

"The Bushwhackers" (Realart) — Mais uma vez o velho oeste combinado com a guerra civil. John Irelandi e Dorothy Malone (que já estêve no Rio) são os "mocinhos" e Wayne Morris, Lawrence Tierney e Lon Chaney os bandidos.

"Just This Once" (M.G.M.) — Comédia com Peter Lawford, Janet Leigh e Lewis Stone.

O SEGRÊDO DA...

(Cont. da pag. 11)

passou a quase desmaiar como uma mocinha nervosa, cada vez que depois disso nos encontrávamos."

Acha que todo o mundo adora rir. Ela própria não conhece mais doce alegria na existência. Ama tudo que faça rir. E sua conviccão de que o riso é a melhor fonte de dólares é participada pelos seus patrões, tanto que êles não hesitaram em despender com ela em pouco tempo a considerável soma de 6 milhões de dólares: 2 milhões de dólares para "Golden Girl", outros dois milhões para "Down Among the Sheltering Palms" e ainda dois milhões para "The Don't Care Girl".

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa.

QUANDO VAI CASAR?

(Cont. da pág. 29)

Do que sentiu seu coração?
Você se lembra
Por acaso de nós?
Ou estarei eu lembrando-me à sós?"

— Gostaram?

— Com sinceridade achamos ótimo, Mary. Haroldo Eiras acertou em cheio dando êste belo samba para você gravar.

Mary a criadora de "Chega Mais", "Penso em você", "Só eu sei" e "Rotina" seu último disco para a etiqueta Sinter, da qual é artista exclusiva, acha que êste samba "Você se lembra", vai mexer com muitos corações apaixonados.

De fato consideramos êste samba-romântico (estilo que vai ser lançado por Haroldo Eiras com esta música) o melhor entre todos que já ouvimos êste ano. Achamos, mesmo, difícil que apareça outro que o suplante.

— E tem mais — disse-nos Mary — a orquestração está a cargo do maestro Lyrio Panicali que procurará dar ao acompanhamento um caráter descritivo do ambiente psicológico em que se encontrava o autor quando compôs esta música?

— Para terminar, Mary, você está contente com a sua atual situação?

— Estou muito satisfeita, na minha situação, atual, tanto artística como financeiramente.

Despedimos de Mary Gonçalves ainda tendo bem viva em nossa lembrança as palavras de "Você se Lembra?".

VIDÉO

(Cont. da pág. 14)

E por falar na Copa do Mundo, o sr. Ari Barroso é o maior. Seja no futebol ou seja no seu programa de calouros. Pelo que vimos, a nova modalidade do seu programa vai ser de abafar.

★

Soubemos que houve uma reação contra a TV pelos empresários teatrais, depois da declaração do sr. Luiz Iglezias que a bilheteria de seu teatro baixou de média, após a televisão de "Amiga da Onça". Por que então a TV Tupi não convida uma companhia diferente, tôdas as segundas-feiras, para uma reprise de peça já fora do cartaz?

★

Jacy Campos merece aplausos pela iniciativa de levar aos tele-espectadores, no sábado, 19, o seu teatro infantil, com a peça do sr. Paulo de Magalhães, "O Chapèuzinho vermelho". Que isso se repita, sempre que possível.

★

Que milagre! Domingo, 20, tivemos um bom filme, com Arturo de Cordoba.

★

As transmissões do Teatro Municipal têm agradado plenamente.

★

Dizem que Sônia Correia está doente. Então, que melhore logo, pois é uma figura que muita falta faz na programação da TV Tupi.

★

Estamos curiosissimos à espera da "Antigona". Será que irão trabalhar Evilázio Marçal, Augusto Aníbal, Pato Prêto e outros comediantes? Não acreditamos, mas enfim tudo é possivel na TV Tupi...

★

No sorteio dos prêmios do "Teatro Policial" de quinta-feira, 17, Elia Bernard engasgou-se e atrapalhou-se demasiadamente. Treino, menina, treino...

★

E viva o Brasil, campeão pan-americano de futebol!



A nova campeã de patinação Barbara Ann Scott, canadense, na «Hollywood Ice Revue» com Michael Kirby, antigo partenaire de Sonja Henie.



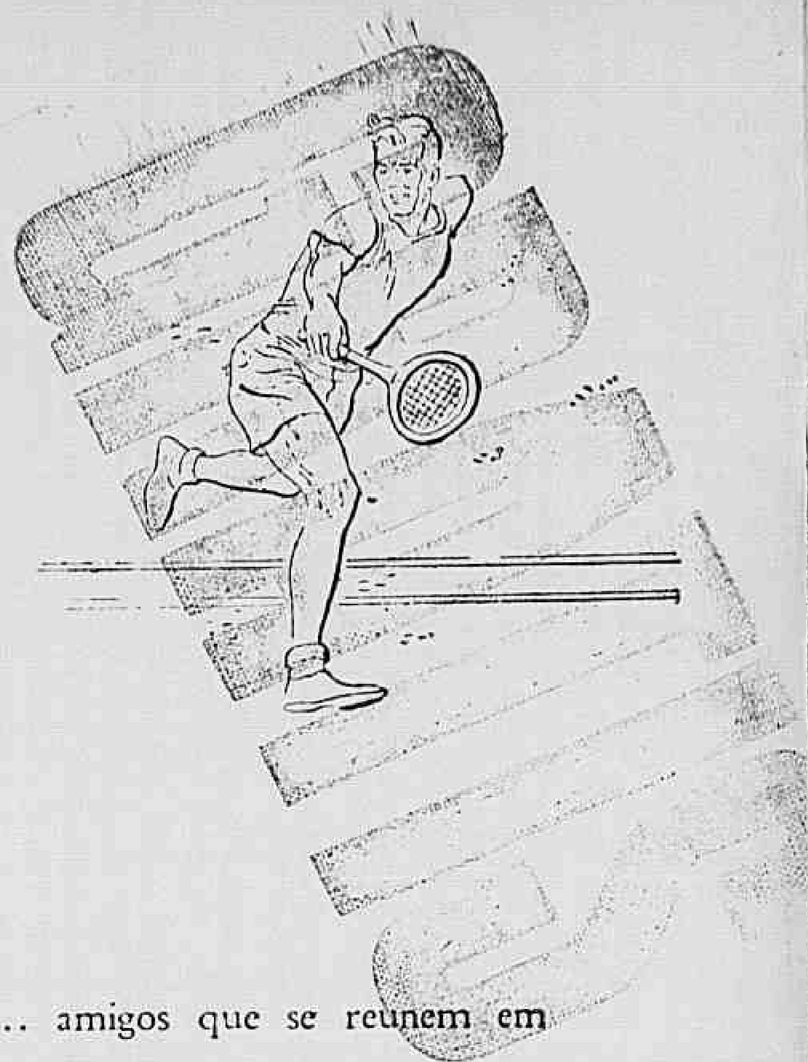
«Os Irmãos Jacques», cômicos e prestidigitadores do grupo existencialista «La Rose Rouge», que aqui estiveram no ano passado, dando um espetáculo na Embaixada Francesa e no Teatro República. Êles nunca tiraram o chapéu. Aqui os vemos nas areias de Copacabana.

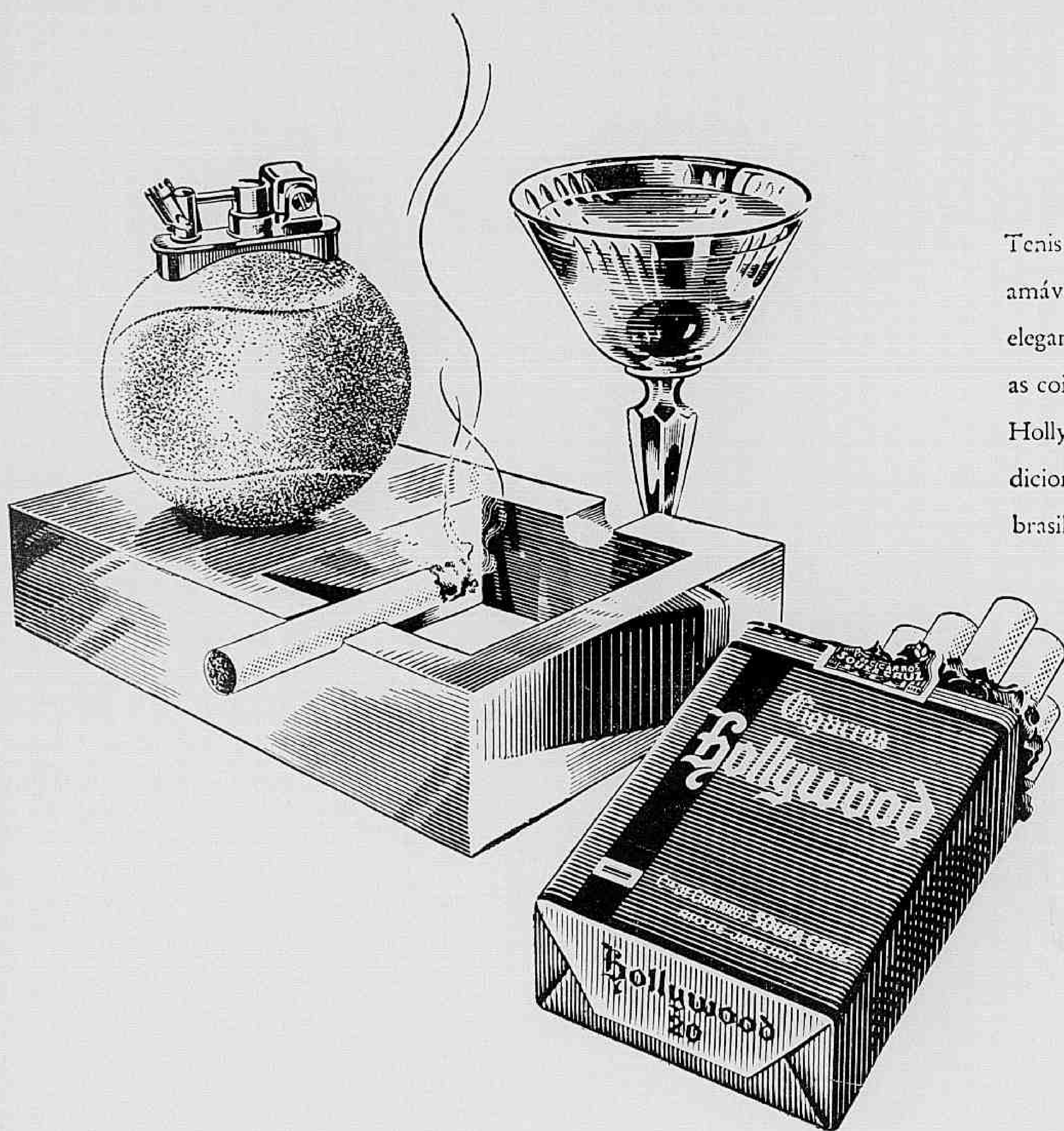
O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.



ZSA ZSA GABOR, a nova sensação...
E' da M. G. M.

sua recompensa... e nosso orgulho!

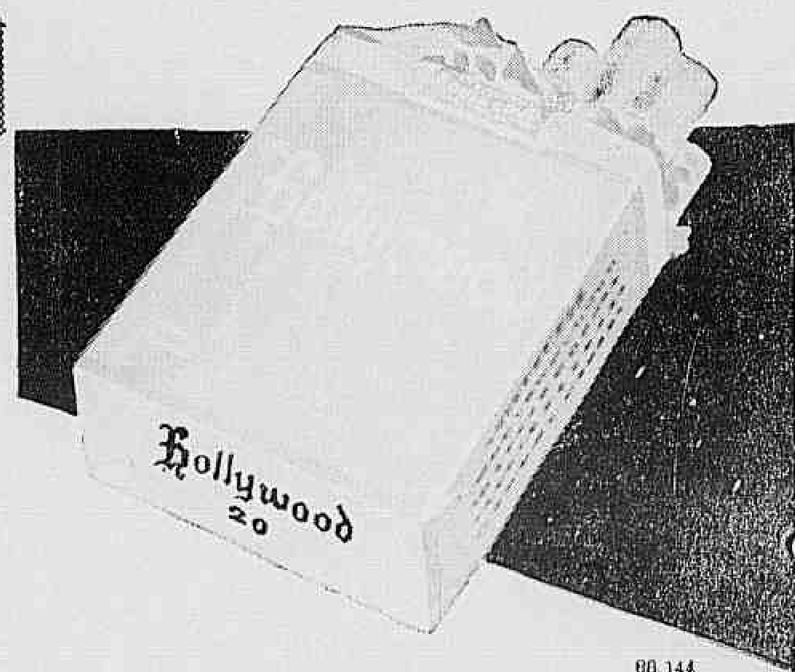




Tenis... amigos que se reunem em amável competição esportiva... elegante pretexto para apreciar as coisas boas da vida, como Hollywood - o cigarro tradicional da sociedade brasileira...

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

88.144